



Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura e Arte
Curso de Jornalismo

RELATÓRIO SOBRE A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO CENTENÁRIOS

Denise Hemily Rocha Brandão
Maria Angélica Ferreira Pontes

Fortaleza
2019

DENISE HEMILY ROCHA BRANDÃO
MARIA ANGÉLICA FERREIRA PONTES

Centenários

Trabalho prático apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, sob a orientação do Prof. José Riverson Araújo Cysne Rios.

Fortaleza
2019

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* Catalog! para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

DENISE HEMILY ROCHA BRANDÃO
MARIA ANGÉLICA FERREIRA PONTES

Centenários

Este trabalho prático foi submetido ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho deste trabalho prático é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Trabalho Prático apresentado à Banca Examinadora:

Prof. Ph.D. José Riverson Araújo Cysne Rios (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr.^a Maria Aparecida de Sousa
Universidade Federal do Ceará

Prof. Esp. Luís Sérgio Santos
Universidade Federal do Ceará

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho à nossa família, aos amigos e a Deus.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que conseguiram dar suporte para que eu conseguisse estudar e tanto se dedicaram à criação dos filhos. Aos meus irmãos, por sempre me esperarem quando precisei chegar tarde em casa. Ao meu orientador, pelos conselhos e pela paciência. Aos professores participantes da banca examinadora, por darem atenção ao tema, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões. À Denise, companheira de TCC e de jornada na UFC. A todos os centenários e familiares que receberam o projeto de braços abertos. Aos bichinhos que moram na minha casa e tanto me dão afeto. Aos amigos que contribuíram com vídeos, informações e contatos.

Angélica Ferreira

A Deus por ser o Criador de todas as coisas, meu confidente diário e meu melhor abrigo — porque tudo é Dele, por Ele e para Ele.

Aos meus pais, Osmar Brandão Alves Feitosa e Maria Denilda Rocha Brandão pelo amor, renúncia, dedicação e esforço em me oferecer o melhor. Amo vocês.

As minhas irmãs, Deborah Julyanne Rocha Brandão e Emanuelle Cristine Rocha Brandão pela imensa ajuda sempre — dicas, críticas e pelo amor.

Aos outros membros da minha família que também com um olhar e uma pergunta: Como é que está no curso, e o TCC? Me motivaram a persistir nessa caminhada. Agradeço por cada ajuda e conselho!

Aos membros da Igreja Bíblica do Bonsucesso por todas as orações, que foram muito bem-vindas.

Aos personagens entrevistados por abrirem as suas casas e nos receberem com tanta hospitalidade. Obrigada por ter nos escolhido e possibilitado conhecer essas histórias de vida e poder divulgá-las. Vocês são um exemplo a ser seguido.

Ao meu orientador José Riverson Araújo Cysne Rios, por transmitir uma alegria e leveza que o percurso do trabalho precisava.

A minha amiga e parceira de projeto, Angélica Ferreira. Amiga foi uma honra trabalhar ao seu lado.

Aos profissionais que compõem o curso de jornalismo e aos amigos, colegas e conhecidos que fiz durante todo o percurso.

E não poderia faltar obviamente a casa que me recebeu nesse tempo, tanto no meu primeiro contato com a instituição, no curso de economia doméstica, como no curso de jornalismo. Obrigada UFC.

Denise Brandão

Sumário

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
1 Introdução.....	11
2 Fundamentação Teórica.....	12
2.1 Gênero documentário.....	12
2.2 Viver e envelhecer.....	15
3 Justificativa.....	17
4 Etapas de Realização do Documentário.....	18
4.1 Pesquisa.....	18
4.2 Pré-produção.....	20
4.3 Produção.....	20
4.4 Personagens.....	22
4.5 Pós-produção.....	28
5 Conclusão.....	32
Referências Bibliográficas.....	33
ANEXO – ROTEIRO.....	35

RESUMO

A expectativa de vida do brasileiro mais do que dobrou nos últimos 100 anos. O ritmo se mantém e cada vez mais o grupo de idosos cresce. Fato este que vai além da genética — são também os hábitos do cotidiano que definem a qualidade de vida. *Centenários* traz o prazer e as dores do envelhecer pelo olhar de pessoas que têm mais de um século de vida. O documentário baseia-se em abordagem bibliográfica e pesquisa exploratória para construir um linha cronológica do que estas pessoas viram e viveram, tentando assim fugir da forma convencional de como a mídia aborda o tema. Seis vidas que representam uma pequena mostra de um grupo particular que, aos poucos, está crescendo e, por conta disso, merece cada vez mais atenção, não apenas jornalística mas de todos os âmbitos da sociedade. *Centenários* é a reflexão sobre o passado, a rotina do presente e o desejo para o futuro.

Palavras-chave: Centenários; Expectativa de vida; Memórias

ABSTRACT

The life expectancy of the Brazilian people has more than doubled in the last 100 years. The pace is maintained and the elderly's group grows more and more. This fact goes beyond genetics - it is also the daily habits that defines life quality. *Tracks* it brings the pleasure and the pains of aging through the eyes of people who have more than a century of life. This documentary is based on a bibliographic approach and exploratory research to build a chronological line of what these people saw and lived, trying to escape of the conventional manner with that media usually explores the subject. Six lives that represent a small sample of a particular group that is gradually growing and, because of this, it deserves more and more attention, not only journalistic but of all areas of society. *Tracks* it is like thinking about the past, and the present's routine and the desire for the future.

Keywords: Centennial; Life expectancy; Memories

1 Introdução

Pensar no assunto que vai ser objeto de pesquisa nos últimos semestres da graduação é uma decisão muito difícil. Não pela falta de tema, mas pelas infinitas possibilidades. Num mar de indecisões, a ideia de contar a história de pessoas centenárias surgiu como um barquinho trazendo boas novas.

Falar sobre alguém que viveu tanto é um leque de possibilidades que permite navegar por séculos de vivências. Quem chegou aos 100 anos no século XXI, presenciou a Era Vargas, os resquícios da Primeira e toda a Segunda Guerra Mundial e a Ditadura Militar. Além dos acontecimentos históricos datados nos livros, um centenário vivenciou as mudanças no casamento, na educação, no trabalho, na religião. Há algumas décadas o jantar era servido no final da tarde, por volta das 16 horas, com toda a família à mesa. Hoje o jantar costuma ser apenas à noite e o costume de ter a família reunida aos poucos vai sendo deixado de lado.

As formas de entretenimento também mudaram. As novelas e partidas de futebol eram transmitidas apenas através das ondas do rádio e, quando a televisão chegou, o preto e o branco da tela conquistaram a todos. Hoje, os avanços tecnológicos continuam modificando a vida das novas gerações.

Como falar sobre alguém que viveu tanto sem focar apenas nas dores físicas que surgem com a idade? De que forma repercutir a vida de centenários sem envolver apenas a proximidade da morte? Qual a melhor forma de referir-se a eles sem infantilizá-los? Existe segredo para chegar aos 100 anos?

A ideia do tema surgiu por acaso, quando foi descoberto que havia um centenário no município de Pacatuba, na Grande Fortaleza. Apesar de ter ficado de fora do documentário porque o contato da família foi perdido, o “seu Cabral” deu o pontapé inicial. *Centenários* é o enlace de seis vidas, que deram origem a mil outras mais. São 75 minutos de produção final que objetivam mostrar que, por mais que a bagagem seja pesada, os centenários ainda vivem, merecem atenção e respeito.

Nos capítulos seguintes, serão apresentadas as características e diferenças entre o

gênero escolhido — documentário, em comparação a uma reportagem televisiva, as metodologias de pesquisa que, através de um embase qualitativo, resgataram memórias em horas de conversa. A pré e pós produção irão detalhar como foi o preparo para o início das gravações e quais decisões precisaram ser tomadas durante a construção do roteiro. Por fim, seguem as conclusões deste trabalho que tanto amadureceu quem o assina.

2 Compreensões sobre o gênero e a temática escolhida

Documentário e reportagem audiovisual são a mesma coisa? Um apresenta maior liberdade de escolhas de tema, visto que não depende de critérios de noticiabilidade usados como explicações para se noticiar algo. O outro, por sua vez, carrega uma padronização de criação, com *offs*, passagens e a busca pela imparcialidade, com a apresentação de versões sobre o mesmo fato. Este capítulo tem o objetivo de diferenciar esses formatos utilizados no jornalismo, como também discursar sobre o tema geral que faz parte dos centenários — as memórias trazidas com o envelhecer.

Primeiro será discutida a origem do documentário, incorporada à linguagem cinematográfica, para em seguida situar o gênero audiovisual em produções jornalísticas. E, posteriormente, analisar o que faz parte do processo de envelhecimento.

2.1 Gênero documentário

O documentário é um gênero audiovisual que tem raízes históricas no cinema. Uma das definições mais antigas sobre o conceito é atribuída a John Grierson, fundador do movimento documentarista britânico dos anos 1930. Para ele, o gênero é o “tratamento criativo da realidade”.

Com os avanços tecnológicos, a capacidade técnica de captar imagens em movimentos, por meio de equipamentos fotográficos, antes realizadas de maneiras mais simplórias, se modificou, difundindo ainda mais o alcance conceitual de documentário.

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.

(NICHOLS, 2010, p. 27).

Por estar presente em uma linguagem híbrida do audiovisual, o documentário permite multiplicidades de discursos, além do trabalho com temáticas plurais e recursos variados que favorecem leituras subjetivas a partir do conteúdo apresentado.

No início a criação do gênero documentário buscou representar a realidade de forma objetiva e imparcial. Aos poucos ele se incorporou a outras características e funcionalidades, como a ficção na representação transmitida. Mas como diferenciar um filme ficcional de um documentário, se ambos usam procedimentos de criação semelhantes?

Para Fernão Pessoa Ramos (2008), renomado pesquisador na área de cinema, a diferença está na intenção do autor. O ficcional busca entreter o espectador — a satisfação de desejos, ao passo que o documentário busca fazer asserções sobre o mundo. Ramos (2008, p. 22) também destaca algumas linguagens que fazem parte da narrativa documentária:

Presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um star system estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente.

Apesar de características que possam ser usadas para diferenciar um documentário de outras produções audiovisuais, o cenário de estudo sobre a definição do que seja o gênero ainda traz complexidade. Um exemplo disso é o clássico filme *Forrest Gump* (1994, Robert Zemeckis), um filme ficcional criado a partir de imagens e sons documentais.

No campo da comunicação e do jornalismo — qual a diferença do documentário para uma grande reportagem? Há dualidades de opiniões. No artigo *O espaço do documentário e da videoreportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate*, os pesquisadores da área da comunicação social, Carmo-Roldão, Bazi e Oliveira (2007, p. 116) apresentam que esse impasse é antigo, “pode-se afirmar que a linha divisória entre os dois tipos de produção é tênue e, possivelmente, não haverá, em curto espaço de tempo, um consenso”. Para diferenciar, os autores levam em consideração três aspectos: abordagem, formato e produção.

Nesta interpretação, a reportagem segue a linha editorial, proposta pela emissora, a partir da reunião de pauta, já o documentário tem mais caráter autoral. Outro critério é da factualidade, reportagens tendem a ser de temáticas que estão com maiores visibilidades, em comparação com o documentário.

A procura é exatamente pela descoberta de histórias e pessoas que deixaram de ser contadas e mostradas e que possuem importância para a sociedade. Não a importância imposta pela chamada agenda setting, mas uma importância cultural e social. Além disso, o documentário, muitas vezes, é reconhecido pelo seu caráter histórico, ou seja, a importância que se dá para a reconstrução da história, contados com base em documentos orais e escritos. (ROLDÃO; BAZI; OLIVEIRA, 2007, p. 117).

Em contrapartida Jean-Jacques Jaspers, na obra *Jornalismo televisivo* (1998, p. 175), destaca que a distinção entre os formatos está na busca pela imparcialidade. “Documentário fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem ou o inquérito escondem esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade”. A reportagem usa diferentes pontos de vista, como a utilização de mais do que uma fonte, para se resguardar, e assume com mais aparência a imparcialidade.

Enquanto a reportagem busca ser objetiva, o documentário carrega em si o ponto de vista do diretor. Se por um lado a presença de documentos é imprescindível para caracterizar um documentário, por outro, o gênero em questão tem uma possibilidade maior de utilizar recursos ficcionais sem correr o risco de prejudicar sua credibilidade. Fora isso, no documentário, não existe a obrigatoriedade da presença de um narrador, coisa que não acontece com a reportagem. (GOMES; MELO; MORAIS, 2001, p. 1).

Durante a criação, o documentário também difere de outros gêneros audiovisuais. A liberdade de escolhas permeia toda a construção que vai até a produção final — a entrega para o público, como ratifica Melo (2002, p. 26). “Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem.”.

Centenários utiliza a característica da liberdade, que propicia maiores subjetivismos por parte dos entrevistados e também fluidez na maneira como os relatos foram contados.

Esse dinamismo favorece ao espectador também fazer parte da história, da memória popular.

2.2 Viver e envelhecer

O envelhecimento faz parte da vida de todas as pessoas. A partir do nascer o ser humano só envelhece. Em suma, estamos habituados com a cronologia linear, nascemos, crescemos, em muitos casos: reproduzimos, envelhecemos e morremos.

Nesse rito de passagem, ser velho traz a carga da idade, que por muitas vezes, refletida no espelho, mostra sinais comuns como os cabelos brancos, a pele enrugada, a postura, antes ereta e firme, agora encurvada; e a locomoção passa a ser em uma velocidade mais lenta. Isso, do ponto de vista biológico, situa essa etapa da vida, mas não a limita.

Ser velho vai muito além dos aspectos superficiais do passar dos dias. Mudanças psicológicas e sociais também fazem parte do novo estado físico. Como em qualquer outra etapa da vida, a fase conta com dificuldades, desejos, necessidades e interesses. E além do mais, a velhice dá aos seus protagonistas uma construção representativa por meio de suas lembranças de histórias e vivências.

De fato, determinar se alguém é velho/a ou não apenas em função da idade ou aparência é, no mínimo, uma visão estreita. Deve-se ter em mente, afinal, que a velhice, tal como a infância ou a juventude, é uma construção, variável de acordo com épocas, padrões e o modo pelo qual cada sociedade se organiza social, cultural, econômica e politicamente. (ALVES, 2016, p. 39).

Na obra *Memória e sociedade: Lembrança dos velhos*, a psicóloga Ecléa Bosi (1994) recorda as memórias pessoais de pessoas que tinham a idade superior a 70 anos e que viviam na cidade de São Paulo. A autora, ao buscar o resgate das lembranças dos personagens, constata que as recordações mesmo sendo algo individual, refletem tanto em uma memória social, familiar e grupal, ou seja o indivíduo faz parte da memória coletiva. Desta forma, “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”, (BOSI, 1994, p. 85).

Em uma cultura que preza pela juventude, é comum que o processo de envelhecimento acabe por ser estigmatizado. É o que destaca a filósofa Elzimar Campos Guimarães (2007, p. 12), ao afirmar que “ainda não nos livramos da noção de caracterizar o envelhecer como uma condição torpe, inspirada no sentimento de penúria, um declínio – um tempo que nos conduz ao fim – a morte. Não aprendemos a ver a velhice como um processo natural”.

Outro ponto concernente é a dicotomia da longevidade e da própria morte. Esta comum a todos, como afirma a jornalista “ser velho é estar perto da morte. E essa é uma experiência dura, duríssima até, mas também profunda. Negá-la é não só inútil como uma escolha que nos rouba alguma coisa de vital” (BRUM, 2012). Por outro lado, o primeiro é um fenômeno recente, nem todos apresentam esse feito e, quando se fala em pessoas com 100 anos ou mais, esse número ainda é mais reduzido.

Independentemente dos perfis que se possam delinear para descrever e situar o estado de saúde e a morbidade que caracteriza a população centenária, o cenário de uma vida aos 100 anos de idade aparenta ser complexo. A elevada diversidade que caracteriza este grupo traduz-se numa multiplicidade de vivências que podem variar da total independência à total dependência, de um bom desempenho cognitivo a estados de demência, do bem-estar subjetivo à depressão, da integração social ao isolamento total. (RIBEIRO; ARAÚJO, 2012, p. 123).

Segundo João Macedo Coelho Filho (2009), especialista em geriatria, viver aos 100 anos não significa fragilidade e nem incapacidade cognitiva. "Ao contrário do que se poderia imaginar, uma característica das pessoas nonagenárias e centenárias é o fato de elas alcançarem idade extrema sem praticamente grandes problemas de saúde”. Coelho evidencia também que a ampliação do tempo de vida é uma condição de ocorrência familiar.

Ainda que a predisposição genética seja um fator relevante, outros fatores estariam também envolvidos, como os estilos de vida. Por exemplo, poucos centenários são obesos e história de tabagismo importante é rara. Um estudo sugeriu que centenários têm melhor habilidade para lidar com estresse. (COELHO, 2009).

Na memória de centenários, esquecimentos também podem estar presentes em suas

próprias lembranças e até divergências podem surgir em relação à história tratada nos livros. Bosi (1994, p. 37) é categórica quando afirma que nos livros existem pontos de vista de uma versão e, se comparados às lembranças de “memórias de velhos”, a veracidade não muito a preocupa. “Com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”.

Visto que o material produzido por este trabalho de final de curso tem viés jornalístico, foi realizada uma apuração jornalística acerca de datas e períodos históricos recordados pelos centenários, com o objetivo de trazer em cena histórias individuais. Contudo, por se tratar de um mesmo momento histórico, um século de vida, as memórias se entrelaçam, mas obviamente, o produto final respeita a subjetividade e peculiaridade de cada personagem.

3 Justificativa

Chegar aos 100 anos não é fácil, mas isso não quer dizer que quando alguém chega a essa idade deixa de viver e fica à deriva esperando a morte. Ser velho não se resume apenas às dores no corpo — vai além. E esse além não é construído por um perfil único.

Quando as pessoas vão chegando à velhice, a sociedade começa a tratá-las de uma forma que a identidade vai ficando perdida no tempo. Quem antes era a menina de 12 anos Maria de Lourdes agora é a avó, a tia, a bisá. Quando não, a infantilização se sobressai e o excesso de diminutivos e palavras carinhosas permeia o locutor.

Em 1993, o teórico da comunicação George Gerbner analisou o impacto da televisão na cultura e concluiu que a repetição de imagens que chegam ao mesmo tempo em diversos lugares influencia na forma como convivem as pessoas e gerações. E a forma como as pessoas mais velhas costumam ser mostradas é pouco representativa e, muitas vezes, negativa. Uma das pesquisas de Gerbner mostrou que os americanos com mais de 60 anos eram somente 5,4% dos personagens da programação da TV, mesmo na vida real eles correspondendo a 17% da população.

A mídia contribui para a formação dessa imagem que a sociedade tem do que é ser velho quando não os representa como são. Exemplo disso é o casal Brígida e Antero

Gouveia, interpretado por Cleyde Yáconis e Leonardo Villar, na telenovela *Passione*, exibida pela Rede Globo em 2010 e 2011. A trama, logo no primeiro capítulo, apresentou um casal com alguns lapsos de memória, perdidos com os acontecimentos familiares e com dificuldade em se adaptar às novas tecnologias.

Já nos jornais, um secular só vira notícia quando se torna a pessoa mais velha de determinado lugar e entra para o *Guinness World Records* ou quando morre. São muitas histórias a contar para perder tempo presos a estereótipos e, levando em consideração que cada pessoa tem um perfil diferente, ninguém melhor para contar a história do que o próprio protagonista.

Pensando nisso, o produto audiovisual criado busca dar voz a quem carrega um século de vida — talvez por isso o caminhar seja mais lento — e ainda tem muito para viver. As histórias contadas no documentário *Centenários* em forma de linha do tempo, apresentam passado, presente e futuro.

4 Etapas de Realização do Documentário

Neste capítulo será mostrado todo o processo de criação do documentário, desde as pesquisas feitas previamente sobre o tema ao processo de edição das imagens capturas. As etapas se dividem em Pesquisa, Pré-produção, Produção, Personagens e Pós-produção.

4.1 Pesquisa

Em 1950, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, a população idosa no mundo era formada por 205 milhões de idosos. Em 1998, quase 50 anos depois, o grupo aumentou para 579 milhões. O Brasil segue o ritmo mundial. O censo divulgado em 2010² pelo instituto apontou que 20.590.599 brasileiros carregavam na bagagem mais de seis décadas de vida.

No ano 2000, os adolescentes de 15 a 29 anos eram a faixa mais numerosa no país. Mas as projeções apontam que, em 2030, grande parte da população estará concentrada na faixa etária de 30 a 54 anos e em 2050 o grupo de 60 anos ou mais representará 34,7% do total de

¹ Link do site: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em 25 de abril de 2019

² Link do site: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>>. Acesso em 26 de abril de 2019.

habitantes do país. Ou seja, daqui a poucas décadas, o número de idosos será maior do que o de crianças e jovens. A população está envelhecendo.

De acordo com o IBGE, na primeira década do século XX, a expectativa de vida do brasileiro era de 33 anos e 7 meses. Em 2016, aumentou para 77 anos e 6 meses. O número mais que dobrou. Quanto aos centenários que compõem o *Centenários*, já viveram mais do que o triplo do estimado para a época em que nasceram.

A expectativa de vida aumentou e o número de pessoas a atingirem os 100 anos também. Ainda como fonte o IBGE, em 1991 haviam 13.865 centenários no país. O censo divulgado em 2010 demonstrou um crescimento de quase 75% e registrou 24.236 pessoas com 100 anos ou mais.

O número ainda é baixo se comparado a outros países como o Japão, que tem uma população bem menor que a brasileira mas possui 65.692 centenários. No entanto, não se pode deixar de lado o desenvolvimento do país. Os japoneses têm acesso a um sistema de saúde de qualidade e o governo incentiva a população a fazer dietas a base de arroz, peixe, legumes e frutas. Segundo a Organização Mundial de Saúde³, a expectativa de vida dos japoneses em 2015 era de 83 anos e oito meses, correspondente à mais alta do planeta. O que não acontece em Serra Leoa, um dos países que apresenta a menor expectativa de vida. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a expectativa de vida dos serra-leoninos é de apenas 52 anos, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de apenas 0,419⁴.

No Censo de 2010, o Ceará registrou 1271 pessoas que chegaram a um século de vida. Não seria possível nesta pesquisa escutar todas, mas o *Centenários* apresenta histórias de origens distintas que buscam, por meio de uma pequena parcela, representar este grande grupo.

Vale ressaltar que há centenários que pertencem a um subgrupo mais restrito ainda: os supercentenários. São aquelas pessoas com 110 anos ou mais. Segundo o geriatra João Macedo, um dos especialistas entrevistados, existem estudos específicos sobre esse fenômeno. À medida que as pesquisas se aprofundam, também há avanços no conhecimento

³ Link do site: <<https://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>>. Acesso em 03 de junho de 2019.

⁴ Link do site: <<http://hdr.undp.org/en/countries/profiles/SLE>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

da ciência do envelhecimento e da longevidade.

4.2 Pré-produção

Antes mesmo de escolher o tema, já estava decidido que o formato seria um produto audiovisual. Por isso, o primeiro passo foi providenciar câmeras para a realização das filmagens. As câmeras utilizadas foram uma Canon T5i e uma T6i. Já as lentes foram a 18-55mm e a 50mm. Com o equipamento em mãos, o próximo passo foi treinar ângulo, iluminação e testar áudio.

A partir daí, a construção do documentário se deu pela busca de informações em material bibliográfico: livros, artigos, reportagens, produções audiovisuais, fotografias, clipes musicais e sites. Para Lakatos e Marconi a pesquisa bibliográfica é a fase que o pesquisador desenvolve base teórica, descobrindo possivelmente uma nova abordagem para pôr em prática.

Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenha sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas [...] Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem. (LAKATOS; MARCONI, 0032, p. 183).

Além da abordagem bibliográfica, a pesquisa exploratória também foi utilizada. Ela conforme o sociólogo Antônio Carlos Gil (2002, p. 41) visa proporcionar maior familiaridade e imersão no tema. Seu objetivo principal é “proporcionar maior familiaridade com o problema [...] Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

O conjunto de abordagens contribuiu para que o *Centenários* ganhasse uma maior diversificação do tema. A pesquisa, que começou em livros e revistas, ganhou ritmo e ajudou em uma melhor conversa com as fontes.

4.3 Produção

Com o conhecimento maior sobre a temática centenários, foi iniciada a busca pelos personagens. A princípio, encontrá-los foi uma tarefa bem difícil. Mas, a partir dos primeiros

personagens, os outros foram aparecendo. O perfil escolhido para compor os personagens principais do documentário, foram pessoas residentes no Ceará, de 99 anos para cima, porque a chegada dos 100 anos, tinha se tornado uma das metas estabelecidas durante o planejamento - há uma importância cultural em vê esse rito de transição.

A tática de perguntar às pessoas se conheciam alguém que se encaixasse no perfil, foi uma das opções escolhidas. Amigos, familiares de amigos, colegas de curso e de trabalho foram questionados. Expor o tema em grupos de redes sociais foi evitado para não haver algum problema, como a divulgação precoce da temática em alguma mídia, por exemplo, para um resultado final mais autêntico e com personalidade.

O pontapé inicial para as gravações se deu no dia 3 de novembro de 2018, com a filmagem da festa de 100 anos da personagem mais nova do grupo, Antônia Batista. No dia, não foi possível fazer entrevistas mais aprofundadas. O momento era de muita correria. Mas mesmo assim foi um período de contato mais próximo com as fontes.

Depois da primeira gravação, as demais conversas foram marcadas à medida que a disponibilidade dos entrevistados permitia. Com todos os personagens, o contato inicial foi inicialmente com a família. Exceto com o José Pereira, pois ele mora na instituição Lar Torres de Melo e, para ter o acesso a ele, foi preciso entregar um termo oficial da coordenação do curso explicando os fins do trabalho e a divulgação.

A primeira entrevista depois da festa aconteceu na casa de José Nogueira, em Caucaia Icaraí, na Região Metropolitana de Fortaleza. Para chegar lá, foi preciso ir em um carro particular, pois havia o receio de ir a um local até então desconhecido com o equipamento de filmagem. Mas ao chegar à residência, como em todos os outros locais das entrevistas, havia bastante receptividade, o que facilitou a apuração.

Nessa entrevista, apesar de estar com o roteiro em mãos, em alguns momentos a conversa pareceu perder o foco, talvez pelo fato de ser a primeira. O primeiro passo no processo de criação do TCC veio acompanhado de muito nervosismo. Daí em diante, as outras entrevistas fluíram com mais facilidade, apesar das diferenças e peculiaridades dos personagens.

4.4 Personagens

Ao total foram feitas 18 entrevistas somando centenários, familiares e especialistas. um dos recursos utilizados foi dar os créditos dos personagens acompanhados da idade.

Lista de entrevistados:

- Antônia Batista de Oliveira (100 anos);
- Maria Miriam Oliveira de Castro (filha de Antônia - 67 anos);
- Antônio Alexandrino Correia Lima (100 anos);
- Maria Consolação da Cunha Correia Lima (esposa de Alexandrino - 93 anos);
- Marcos da Cunha Correia Lima (filho de Alexandrino - 61 anos);
- Marcelo da Cunha Correia Lima (filho de Alexandrino - 59 anos);
- Felizardo de Pinho Pessoa Filho (101 anos);
- Maria Lúcia Fontenele de Pinho Pessoa (esposa de Pinho - 84 anos);
- Hilda Pinho Pessoa Papurunga (filha de Pinho -52 anos);
- José Nogueira Lima (102 anos);
- Maria Vitória Pereira Lima (esposa de Nogueira - 65 anos);
- José Pereira dos Santos (105 anos);
- Adriana Lacerda (Coordenadora de Serviço Social do Lar Torres de Melo - 48 anos);
- Max suel Garcia Matias (Cuidador - 32 anos);
- Izaura Maria da Conceição de Sousa (113 anos);
- Ana Helena Queiroz Ferreira (filha de Izaura - 55 anos);
- João Macedo Coelho Filho (geriatra - 56 anos);
- Glauber de Menezes Ferreira (neurologista - 42 anos).

A seguir são mostrados os seis centenários cujos relatos ilustram este trabalho. O mais jovem conta com 100 anos, enquanto a mais velha tem exatos 113 anos. Todos de personalidade única.



Antônia Batista de Oliveira tem 100 anos. Nasceu no dia 1º de novembro de 1918, no distrito de Amargoso, em Redenção, 59 quilômetros distante de Fortaleza. Mora na capital há mais de 40 anos. É a caçula do grupo. Nas entrevistas com Antônia, a ajuda da família foi mais intensificada. Ela tem alzheimer e quase não fala. A filha dela, Miriam Oliveira, foi de imensa ajuda. Através de Mirian, a história de Antônia pôde ser contada. Antes da entrevista, já era conhecida a doença da personagem, mesmo assim foi optado por permanecer com ela como fonte para mostrar a pluralidade de personagens. Nem todas as pessoas quando chegam ao 100 anos tem a mesma cognição mental. Para alguns, com no caso de Antônia, o passar do tempo ocasionou perdas na memória.



Antônio Alexandrino Correia Lima tem também 100 anos. Nasceu em Tauá, distante 320 quilômetros da capital, no dia 4 de agosto de 1918. Hoje mora em uma casa no Bairro Aldeota, em Fortaleza. É militar reformado. A fisionomia calma mostra uma pessoa que teve que ter muita serenidade para passar por momentos marcantes de uma história severa. Participou da 2ª Guerra Mundial. Esteve ao lado dos Aliados defendendo o Brasil durante o confronto na Itália. Para ele, o sentido da vida ainda é buscado, com a paz incansável, porque de guerra ele quer distância. O coronel, como gosta também de ser chamado, tem hábitos regrados. Não tem falas muito longas, mas o próprio silêncio já revela muito.

Maria Consolação, esposa de Alexandrino, e Marcos e Marcelo, dois filhos do casal, também participaram das entrevistas. A família também auxiliou com informações sobre cartas trocadas durante a guerra, livretos escritos por Alexandrino e fotos antigas.



Felizardo de Pinho Pessoa Filho completou 101 anos no dia 26 de maio de 2019. É farmacêutico, mas conhecido por todos como doutor. Na cidade de Viçosa do Ceará, a 348 quilômetros de Fortaleza, onde viveu por muito tempo da vida, ajudou muita gente, numa época em que a assistência à saúde era bem precária. Descobriu o primeiro caso de calazar na região rural do município. A entrevista com o personagem foi a mais longa, não por causa do grau de importância da história, porque todos têm a mesma relevância, mas sim pela profundidade de detalhes que a fonte repassou. Pinho lembrava das composições fototerápicas dos medicamentos e a ordem como eles eram ministrados.

Os familiares deram apoio, antes mesmo da entrevista com ele. A filha Luciana Pinho, que não pôde estar no documentário devido à logística do dia, pois precisava buscar a filha na escola, contou, por telefone, a vida de seu pai e deu dicas para o roteiro. Pinho mora no Bairro Fátima, na capital.



José Nogueira Lima tem 102 anos. Com ele, a cantoria foi garantida. Apesar de não ter se tornado cantor, adora passar o tempo nas melodias. Nasceu no dia 20 de setembro de 1916, no distrito de São Benedito, próximo à Maranguape, na Região Metropolitana de Fortaleza. Caminhoneiro por profissão, conhece muito as estradas não só físicas, mas da vida. Já foi viúvo e agora tem um novo amor, Vitória Pereira, com quem é casado. Nogueira morava no Bairro Parquelândia, em Fortaleza e meses antes do início da entrevista tinha se mudado para Icarai, para buscar uma vida mais tranquila.



José Pereira dos Santos já soprou as velinhas dos 105 anos, nasceu no estado da Paraíba, em 4 de maio, mas veio com a família para Iguatu, não soube precisar em que época da vida chegou ao interior cearense. Apesar de ser o segundo personagem encontrado para o documentário, entrevistá-lo demorou um pouco por questões burocráticas. Pereira vive há mais de dois anos no Lar Torres de Melo, em Fortaleza. Foi outro personagem pensado para trazer maior diversidade de fontes, pois nem sempre o envelhecer é ao lado da família, às vezes novos lugares e pessoas se tornam o lar. Ele também é de um sorriso mais solto que contagia a todos com a alegria. Diferente dos outros personagens, foram conseguidos poucos detalhes concretos sobre a origem do centenário, já que ele tem demência e não há parentes que o visitem. A instituição, com os seus profissionais, contribuiu no repasse de mais dados sobre o personagem.



Izaura Maria da Conceição de Sousa é a supercentenária do grupo. Tem 113 anos. Conversar é com ela mesmo. Nasceu em Barbalha a 540 quilômetros da capital. A alegria também contagiou o momento da entrevista. Apesar de uma história difícil, ela conseguiu se sobressair nos desafios da vida. Nunca casou e, como diz, tem raiva de quem casa. Mas construiu uma família, não ligada por laços sanguíneos, mas pelo afeto. Ana Helena a tem como mãe e ajuda nos cuidados com a saúde. Izaura sente saudade da vida movimentada que tinha. Gosta de cantar e ainda dança um pouquinho, quando pode. Hoje mora no Bairro Jangurussu, em Fortaleza.

Além das entrevistas realizadas com os personagens principais e também com os familiares, foi preciso conhecer esse grupo do ponto de vista mais científico. Para isso, foram realizadas entrevistas com dois especialistas. O foco era a parte da geriatria com Dr. João Macedo Coelho Filho e a outra mais ligada à parte da memória, com o neurologista Dr. Glauber de Menezes Ferreira.

4.5 Pós-produção

A série de entrevistas rendeu 90 arquivos de vídeos que totalizam 160,25 gigabytes e

12 horas, 43 minutos e 17 segundos de exibição, fora os arquivos de imagens de apoio, como os ângulos específicos de enquadramento, fotos filmadas, imagens das casas. Ao final de toda a apuração, chegou a momento de fazer a decupagem⁵, que vem do francês *découpage* e significa dar forma, fabricar, criar. O termo é utilizado para marcar a minutagem das cenas. Foi um mês apenas decupando o material. Somados, os arquivos têm mais de 100 páginas de transcrição.

Com o material transcrito em mãos, começou a produção do roteiro. Esta foi a etapa em que surgiram as maiores dificuldades. Ouvir alguém contar sua história de vida é algo muito prazeroso, mas selecionar o que vai ser utilizado e o que vai ser, de certa forma, descartado, não é tarefa fácil. Principalmente porque, durante as conversas com os entrevistados, foi desenvolvida uma admiração pela história de cada um. E cada detalhe parecia importante e não poderia ser deixado de fora.

Apagar trechos do próprio trabalho não é tarefa das mais fáceis. O mestre dos livros de suspense, o escritor americano Stephen King, diz: “mate suas queridas, mesmo quando isso quebra seu pequeno coração de escriba egocêntrico, mate suas queridas palavras”.⁶ Cortar foi a etapa mais difícil.

Durante a construção do roteiro, a família de Alexandrino deu a notícia de que Maria Consolação, esposa de Alexandrino, havia falecido. O depoimento dado por ela para o documentário talvez tenha sido seu último registro em vida.

O roteiro foi reorganizado diversas vezes e, ao final, foi decidido que a melhor forma de contá-lo seria em uma linha cronológica dos fatos. Assim, o documentário ficou dividido nos seguintes tópicos:

1. Abertura
2. Saudade
3. Apresentação
4. Infância
5. Trabalho

⁵ Link do site: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

⁶ Link do site: <<https://homoliteratus.com/22-conselhos-de-stephen-king-para-escriitoresas/>>. Acesso em 18 de junho de 2019.

6. Estudo
7. Seca
8. Diversão
9. Escravidão
10. Lampião
11. Adolescência
12. Mudança para Fortaleza
13. Lar Torres de Melo
14. Marcas da Velhice
15. Casamento
16. Rotina
17. Medos
18. Ensinamentos

Na abertura, uma reflexão sobre o tempo é apresentada com vídeos em *time-lapse*, ou câmera rápida, para simbolizar a passagem de tempo. Logo depois, os centenários surgem falando de suas saudades e então a história começa a ser contada. Ao longo das cenas, as lembranças ganham características em comum e se entrelaçam.

A narração em *off* foi bastante utilizada. Ela foi escolhida para facilitar a ligação de algumas estruturas do texto. Por exemplo, alguns tópicos são bem particulares como é o caso do tópico 10. Apenas Antônia tem relatos da época do cangaço. Apesar disso, o tema foi considerado relevante devido ao contexto histórico. Alguns dos centenários também não sabem ler e o *off* é uma forma de eles não perderem nenhum detalhe, já que o documentário também foi feito para eles.

Paulo Cardoso, jornalista formada pela UFC, cuidou da edição de imagens. Na época em que se formou, Paulo apresentou o produto audiovisual Vida Longa São Luiz⁷, então ele já era visto como referência pelos alunos do curso. O processo de edição de imagens durou

⁷ Link do site: <<https://www.youtube.com/channel/UCEBO5VP-F6MxhY4EkJg3Duw>>. Acesso em 20 de junho de 2019.

uma semana.

As músicas escolhidas para compor a trilha sonora foram pensadas com o intuito de levar leveza ao tema. A música presente na abertura, inclusive, é composição inédita. A autora é Déborah J. R. Brandão.

A fonte utilizada no título é a *rage italic*. O design lembra a escrita a mão, comum em cartas e textos antigos. No caso do documentário, utilizar essa fonte é uma forma de reforçar que os centenários são os próprios autores das histórias que estão sendo contadas.



No gráfico que compara a expectativa de vida de 1900 e 2016, a fonte utilizada é a *impact*, que é mais formal e transmite seriedade.



As imagens feitas nas cidades do interior (Acopiara, Iguatu, Redenção e Tauá) foram feitas por amigos que moram na região Centro-Sul e no Maciço de Baturité. Essas imagens foram usadas para ilustrar as cidades de Acopiara, Iguatu, Redenção e Tauá. Aqui vale ressaltar que o *Centenários* não foi criado apenas por duas pessoas, mas por uma rede de amigos que sempre estiveram dispostos a contribuir.

Alguns temas precisaram ser cortados devido ao tempo do documentário. Um dos temas que ficaram de fora foi política. Pinho Pessoa é muito conhecido no meio, por ter sido prefeito de Viçosa do Ceará por duas vezes. Foi Pinho quem levou, na década de 1950, o então candidato à presidência da República, Juscelino Kubitschek, a cidade de Viçosa e o apresentou a assim chamada Suíça Brasileira.

Ao final, ficamos com muito orgulho de nosso trabalho. O documentário tem 75 minutos e muita história para contar. Quase um ano de pesquisa rendeu uma mescla de vidas que perpassam muitas outras e ficam como ensinamento para as próximas gerações.

5 Conclusão

Este trabalho mostrou que centenários merecem atenção jornalística para lapidar pautas que possam ir além da idade. Este grupo, tão seletivo, não deve ser visto apenas como quem não tem mais o que viver e está à espera da morte.

Antônia, vista pelos filhos como uma leoa, permanece ensinando o valor da família. Nogueira sonha em retornar ao Rio de Janeiro para dar umas voltas de carro pela cidade. Izaura quer reformar a casa onde mora para ter mais conforto. Pinho já planeja passar o próximo feriado na cidade natal. José Pereira tem muitas composições para cantar nos próximos aniversários. Alexandrino continua buscando o sentido da vida.

Uma pequena parcela de vidas que representa as milhares de pessoas que chegaram ao 100. De fato, há dores que vêm com a velhice. Mas não é apenas isto. Além disso, o tema escolhido tem grande relevância social. A população está envelhecendo, mas será que todos estão preparados para isso? Os centenários, por exemplo, não têm a atenção que merecem da sociedade. Como será, então, que os jovens de hoje vão pensar daqui a 60 anos, quando farão parte do grupo de idosos? Quais políticas públicas precisam ser desenvolvidas para dar atenção a tanta gente?

Além do crescimento pessoal e profissional, *Centenários* é uma espécie de álbum de família que guarda memórias tão importantes de vidas tão distintas e ao mesmo tempo tão semelhantes. Vidas que cruzaram um século. Centenários também é exemplo de que, mesmo com poucos recursos, é possível desenvolver um projeto com conteúdo.

Ficam aqui a saudade dos amigos centenários que fizemos, das viagens para encontrá-los, das lindas histórias de vida que colhemos, dos ensinamentos que nos passaram, mas também e de um modo bem especial, dos quatro anos de nossas vidas transitando apressadas pelos corredores do curso de jornalismo. Esperamos com este trabalho ter contribuído para o estudo da gerontologia e da história de nosso povo.

Referências Bibliográficas

ALVES, Cristiane da Silva. **Novos tempos, vozes antigas**: Os narradores velhos na narrativa ficcional brasileira do século XXI ou de como ficou difícil ouvir os velhos ou de como a ficção enfrenta o tabu da velhice. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148946/001003033.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. IBGE. **Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios**, 2002. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

_____. IBGE. **Censo 2010**: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=1766&busca=&t=censo-2010-populacao-brasil-de-190-732-694-pessoas>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

_____. IBGE. **Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

BRUM, Eliane. **Me chamem de velha**. Revista Época. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

COELHO FILHO, J. M.. **População centenária do Ceará dobrou em 10 anos**. Diário do Nordeste, Brasil, 7 fev. 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/populacao-centenaria-do-ceara-dobrou-em-10-anos-1.656214>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

Do Carmo-Roldão, Ivete Cardoso; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigue; OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **O espaço do documentário e da videoreportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate**. Revista Contracampo, 2007, v. 2, n. 17, p. 107-126. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17245/10883>>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

GERBNER, G. (1993). **Learning Productive Aging as a Social Role: The Lessons of Television**, in Achieving a Productive Aging Society, Bass, S.A., Caro, F.G., and Chen, Y.P., eds. Westport, Conn.; London: Auburn House.

GIL, Antonio.Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://www.urca.br/itec/images/pdfs/modulo%20v%20-%20como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 11 de jun. de 2018.

GOMES, Isaltina Mello; DE MELO, Cristina Teixeira V.; MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In: **XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO**, set. 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. de 2019.

GUIMARÃES, Elzimar Campos. **Reflexão Sobre a velhice**. CES Revista, Juiz de Fora, v. 21, p. 11-23, 2017. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/reflexao_sobre_a_velhice.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo Televisivo**. Coimbra; Minerva, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Cristina Teixeira. **O documentário como gênero audiovisual**. Revista Comunicação e Informação, .5, n.1/2, p.25-40, jan/dez. 2002.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

RIBEIRO, Oscar; ARAÚJO, Lia. **Centenários e os desafios da longevidade**. Rediteia. Revista de Política Social · n.º 45 · 2012. Disponível em: <<http://cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/eapn/Rediteia%20-%20Envelhecimento%20Ativo.pdf#page=119>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

ANEXO – ROTEIRO

Sumário

1 (((ABERTURA - NOME DO DOCUMENTÁRIO MÚSICA + TIMELAPSE - TEXTO NARRADO COBERTO POR IMAGENS DE MOMENTOS ESPECIAIS DE DIVERSAS PESSOAS DESCONHECIDAS, ALÉM DE IMAGENS DO TEMPO))))

2 (((AQUI OS PERSONAGENS FALAM SOBRE O ASSUNTO SAUDADE, SEM A PRINCÍPIO O PÚBLICO SABER O NOME E A IDADE))))

3 (((AQUI OS PERSONAGENS SE APRESENTAM E DIZEM A IDADE - MOMENTO QUE VAI COMEÇAR AS TARJAS COM OS NOMES IDADES))))

4 (((FAMÍLIA DA INFÂNCIA - ABERTURA DO TEMA COM TRECHO DE POEMA QUE PARECE NA CENA É LIDO))))

5 (((INFÂNCIA)))

- TRABALHO

- ESTUDO

- SECA

- DIVERSÃO

6 (((ESCRAVIDÃO)))

7 (((LAMPIÃO)))

8 (((ADOLESCÊNCIA)))

9 (((MUDANÇAS - FORTALEZA)))

10 (((LAR TORRES DE MELO)))

11 (((MARCAS DA VELHICE)))

12 (((CASAMENTO)))

13 (((ROTINA)))

- DICAS PARA VIVER MUITO

14 (((MEDO)))

15 (((ENSINAMENTOS)))

16 (((FINALIZAÇÃO)))

1 (((ABERTURA (COMPOSIÇÃO EM ANDAMENTO)

TEXTO FINALIZADO-----TIMELAPSE))))

Ôh vida! Emoções, sensações, levezas e incertezas. Constrói histórias e entrelaça destinos. A pressa pode chegar como amiga - e cegar. Astuta que é, faz pensar que a corrida pelo futuro é sempre melhor do que o presente. Mas a vida é bem mais do que um emaranhado de ansiedades. É o Agora. É contato, presença, olho no olho.

Segundos, minutos, horas, dias e anos cercam a existência. O nascer e o morrer fazem parte da lei da vida. E não há desculpa que resista às artimanhas do tempo. Fronteiras que todos, sem exceção, vão cruzar. Mas até lá, dá pra aproveitar o intervalo.

E falando em momentos, a vida é um amontoado deles. Talvez pelo ritmo frenético do mundo, o costume saudosista saiu de moda. Mas saudade não é só tristeza por aquilo que passou ou por alguém que já não volta mais - é a certeza de que o presente foi apreciado. Foi vivido. E viver é saudade.

Os primeiros passos do filho, as histórias contadas antes de dormir, o primeiro beijo, o porta-retrato com a foto da família, aquela risadinha contagiante de um bebê... o cafuné da avó, os cabelos ao vento refletidos no espelho do carro, o cheirinho do bolo de milho da mãe que dá pra sentir de longe, o perfume que é a cara de alguém, o abraço apertado dos amigos, a casa que tem cheiro de infância, a selfie na viagem dos sonhos, a marcha nupcial... A festa de 18, 30, 90, 100 anos.

Há excesso de primeiros e também de últimos. O último bom dia, o último abraço, a última risada - vividos tão inesperadamente quanto os primeiros.

O que você faria se tivesse apenas mais um dia de vida? Viveria com mais intensidade, firmeza, sabedoria? E quais os seus planos se soubesse que vai viver por mais 100 anos?

3 (((AQUI OS PERSONAGENS VÃO SE LEMBRAR DO QUE ELES SENTEM MAIS SAUDADE - NESSE MOMENTO NENHUMA TARJA APARECE MOSTRANDO A IDADE E NOME, QUEREMOS QUE O TELESPECTADOR ELE MESMO DÊ A IDADE DO PERSONAGEM))))

MVI_1118 ANTONIA

MIRIAM - (02:55 - 03:07)

“A senhora lembra quando fazia ponto de cruz? lembra, olha que bom. A senhora quer

bordar, aí tinha vontade de bordar, hein? ”.

MVI_1107 ALEXANDRINO

(04:57 - 05:12)

“Eu sempre escrevi muito livreto e essas coisas, mas hoje em dia eu *num* escrevo mais; fiz algumas poesias”

MVI_1291 PINHO

(06:57 - 7:12) +

"Dia de Natal era um dia que a minha mãe matava uns perus e se bebia nesse tempo cajuína, muito cajuína”

(07:16 - 7:27) +

“Fazia uns arroz com peru muito gostoso, muito bolo, muita coisa, aí eu tinha saudade daquele tempo. É a única que eu tenho saudade”

(07:29 - 7:31)

“E se pudesse voltar aquilo eu gostaria”

MVI_1473 NOGUEIRA

02:58 - 03:16

"O que eu sinto mais saudade é a falta de força, de poder viajar, de guiar, onde eu quero ir onde eu ia quando eu era mais novo, pegava o carro em qualquer hora e viajava”

MVI_1364 PEREIRA

(07:48 - 07:51)

“Eu dançava xote, tango, bolero, tudo eu dançava”

MVI_1178 IZAURA

(17:24 - 17:34)

“Coisa boa que passou não é bom a gente tá lembrando, não volta mais. Por que a gente lembrar, né!?”

MVI_1483 (cantoria) NOGUEIRA (COLOCAR UMA PARTE DELE CANTANDO)

(01:23 - 01:48)

"Eu fiz tanta serenata, que a lua, desfeita em prata, mandou mil beijos pra mim. E os beijos foram tão puros, que os meus cabelos escuros ficaram brancos assim!"

BAIXAR ÁUDIO - MÚSICA CABELOS COR DE PRATA/ SÍLVIO CALDAS

4 (((((AQUI OS PERSONAGENS SE APRESENTAM E DIZEM A IDADE - MOMENTO QUE VAI DAR INÍCIO ÀS TARJAS COM OS NOMES E IDADES))))))

MVI_1356 PEREIRA

(01:56 - 02:00)

"José Pereira dos Santos"

(02:04 - 02:11)

"Eu nasci dia 4 de maio do ano de 1914"

(02:16 - 02:29)

"Eu nasci na Paraíba, na cidade na cidade de Jatobá de Piranhas"

MVI_1106 ALEXANDRINO

(00:18 - 00:20)

"04 de agosto"

(00:14 - 00:16)

"1918"

MVI_1106

(08:27- 00:31)

"Eu era de Tauá, nascido em Tauá" **IMAGENS ANG TAUÁ**

MVI_1473 NOGUEIRA

(01:12 - 01:15)

"José Nogueira Lima"

(00:42 - 01:04)

"Eu nasci em 20 de setembro de 1916, no lugarejo por nome São Benedito, a 4 quilômetro distante de Maranguape"

MVI_1117 ANTONIA

(00:01 - 00:12)

MIRIAM - “Essa senhora é minha mãe, Antônia Batista de Oliveira, nascida em Amargoso, distrito de Redenção. Nasceu em 1918”

MVI_1255 PINHO

(00:01 - 00:07)

“Sou Felizardo de Pinho Pessoa Filho”

MVI_1175 IZAURA

(00:19 - 00:22)

"Izaura Maria da Conceição”

(00:07 - 00:15)

"Eu nasci no dia 15 de março de 1906"

OFF1 - ANGÉLICA: No censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgado em 2010, 1271 centenários residiam no Ceará. A expectativa de vida do brasileiro mais do que duplicou no último século. Em 1900, década em que Izaura nasceu, a expectativa de vida não chegava aos 34 anos. Atualmente, chega aos 77. Izaura foi além! Ultrapassou os 100 e faz parte de um grupo mais seletivo ainda. Quando perguntada sobre o que acha disso...

ARTE (com gráfico de linha)

33 anos e 7 meses - em 1900

77 anos e 6 meses - 2016

Título:Expectativa de vida do brasileiro

Fonte: IBGE

MVI_1178 IZAURA

(09:40 - 09:50)

"É bom demais, viu filha, é bom"

MVI_1169 DR. JOÃO MACEDO (GERIATRA)

(07:03 - 07:19)

“Nós estamos dividindo os Centenários em dois grupos: o centenário de uma maneira geral e os supercentenários, que seriam aquelas pessoas com 110 anos ou mais. que representam um subgrupo com características centenárias ainda mais especiais.

(07:35 - 07:46)

“E à medida que a gente vai aprofundando os estudos conhecendo melhor esse grupo, nós vamos avançando no conhecimento das ciências do envelhecimento, da longevidade.”

5 (((((FAMÍLIA DA INFÂNCIA))))))

- **ENTRA O TEMA COM O POEMA - CÂNTICO DA VELHICE DE ANA MIRANDA: ESCRITORA CEARENSE/// ANGÉLICA TAMBÉM VAI FALAR**

OFF2 - ANGÉLICA: “Felizes os que envelhecem, pois eles estão ávidos,

Não são mais esporádicos os seus sentimentos,

E bem mais ponderadas as suas esperas, sim,

Agora é muito mais visível a sua plenitude.

Os velhos são completos, pois têm em si a criança,

Têm o adolescente em si, o jovem, o interlúdio,

Em si têm os processos, as passagens, a tardança,

Do tempo têm o segredo, da eternidade o conteúdo” **Ana Miranda**

MVI_1255 PINHO ((pasta arquivo pessoal - foto dele com os pais e os sete irmãos/foto da casa grande de Viçosa) (pasta foto tem imagem da mãe e do pai) (MVI_1272 MVI_1665))

(00:18 - 00:53)

“Filho de Felizardo de Pinho Pessoa e Hilda Carvalho de Pinho Pessoa. Meus pais casaram em Viçosa e passaram a residir lá na cidade e nascemos 8 filhos, todos homens, dos quais eu sou o mais velho. Então meu pai era farmacêutico” +

(01:13 - 01:35)

“E o pai dele também era farmacêutico e comprou a primeira farmácia da família. Que era a

mesma que a do meu pai. Fundou no dia 30 de outubro de 1856 lá em Viçosa”

MVI_1356 PEREIRA

(05:40 - 05:41)

"Meu pai é o Antônio Coleta"

MVI_1356 PEREIRA

(04:41 - 04:43)

“Naquela época eu tinha 3 irmãos”

(05:09 - 05:11)

"Eu e Firmino somos gêmeos"

(05:19 - 05:27)

"E os outros irmãos meus um é Nequim Otávio e Maria. Maria é uma menina”

MVI_1175 IZAURA

(00:45 - 00:47)

“Tinha muitos irmãos, mas agora eu não sei . Eu andei na Barbalha, faz muitos anos, em 55 foi quando eu fui lá, foi quando o meu querido pai se foi e eu fui lá e de lá para cá eu não fui lá. Eu não sei de mais de nada de lá.”

MVI_1118 ANTONIA

(06:15 - 06:33)

“Qual o nome do seu pai? A senhora lembra? Lembra do seu pai, como era o nome dele, Francisco? Não era? O nome do teu pai mulher, como era o nome dele? Era o seu Francisco Batista de Paula, valetão, era? era?”

(06:48 - 07:03)

“Como era o nome da sua mãe? como era? Brasilina o quê? Maria Brasilina de Paula, não era?”

MVI_1473 NOGUEIRA

(09:09 - 09:39)

"Eu tenho, eu tinha três irmãos. Tive uma irmãzinha a finada Raimunda que morreu com oito anos, morreu de asma, depois vieram a Lia, a Ana e veio o Xavier, nós éramos quatro

irmãos.”

MVI_1106 ALEXANDRINO

(01:22 - 01:40)

“Meu pai era bacharel, era juiz de direito lá em Tauá. Toda a educação até o ginásio foi feita lá com ele, né! Ele era família pobre lá”

(02:07 - 02:11)

“Se eu tinha irmãos? Somos 7”

(03:27 - 03:39)

“O mais velho era Olavo, depois vinha a Violeta, ambos mortos. A Violeta, eu me lembro que tem o Alberto”

(04:05 - 04:06)

“Eu sou o único vivo.”

6 (((((INFÂNCIA))))))

- TRABALHO (pai tinha terra, mas perdeu)

OFF3 - ANGÉLICA: O pai de Nogueira era dono de comércio, mas faliu e mudou-se para Acopiara, cidade distante 355 quilômetros de Fortaleza, onde moravam as filhas do primeiro casamento. Nogueira precisou assumir a posição de chefe da família. Quanto ao pai, nunca mais voltou. Realidade semelhante à de Izaura. **IMAGENS ANG ACOPIARA**

MVI_1478 NOGUEIRA

(02:45 - 03:08)

"Eu não tive infância, foi trabalhando no duro, saía de casa no escuro, até de madrugada para subir a serra, e ía trabalhar no sítio com uma légua de distância, com a enxada nas costas, um prato de comida dentro do saco.”

MVI_1460 NOGUEIRA

(01:03 - 01:11)

“Nesse tempo a moeda era réis, então eu ganhava 1200 réis por dia”.

MVI_1175 IZAURA

(02:29 - 03:08)

“Minha mãe morreu e eu fiquei com 10 anos, aí fiquei lutando com as minhas irmãs. Aí e foi se espalhando uma pra lá e outras pra acolá e eu era mais meia.. Pra mim viver eu apanhava algodão, feijão naqueles matos, apanhava café, eu me trepava em pé de laranjeira”

MVI_1180 IZAURA

(04:56 - 05:16)

HELENA - "A ela foi contar, sobre quando ela colhia café e o dono do cafezal disse pro pessoal que trabalhava lá, que o que caísse no chão era deles, podia ficar. Ela começava a derrubar no chão de propósito pra ser dela e mais coisa viu!

IMG_3085 DR. GLAUBER FERREIRA - NEUROLOGISTA

(03:08 - 03:35)

"Existe uma regra em neurologia Bolker que diz quanto mais antiga a memória mais ela é sólida, então na verdade quando a gente aplica coisa nova ela vai primeiro pra uma região muito volátil do cérebro que é o hipocampo, depois essa memória ela vai migrando pra uma região que é o lobo temporal que é um pouquinho mais sólida, eventualmente ela se enraíza em diversas regiões que a gente passa chamar esse conhecimento de longo prazo e conhecimento semântico” + “Você não vai lembrar do que você almoçou em agosto de 2018, mas você vai lembrar das suas viagens que você fez, dos encontros que você teve com a sua família, dos eventos marcantes da sua vida”

- ESTUDO

OFF4 - ANGÉLICA: Uma das memórias difíceis de esquecer é o primeiro dia na escola. Mas no início do século XX o acesso à educação era muito restrito.

MVI_1106 ALEXANDRINO

(04:33 - 04:35)

“Eu entrei com 6 anos no Colégio Militar”

(04:41 - 04:51)

“Aí depois eu fui para a escola militar do Realengo. Aí eu recebi oficial, né.” **COLÉGIO**

MILITAR

MVI_1175 IZAURA

(03:58 - 04:30)

"Minha filha vou lhe dizer, nunca fiz um 'a com uma quenga'. Nunca fiz porque eu ia pra escola e ia brincar, brincava e não ia pra escola e quando eu chegava em casa a madrasta não perguntava se eu tinha ido, se eu... não, não perguntava nada, pronto."

MVI_0843 NOGUEIRA

(00:55 - 01:22)

"Eu tinha vontade que eu nunca realizei de ter estudado, porque não pude, e tinha vontade de ser advogado só pelo nome advogado, eu achava um nome tão bonito, achava tão bacana. Tinha vontade de ser advogado. Mas os meus sonhos eram muito básicos, porque eu vi que não tinha condição de sonhar alto ou sonhar coisas muito elevadas"

MVI_1255 PINHO

(05:54 - 06:37) +

"Eu comecei a ter aula com a irmã do sacristão que levava dentro da bolsa palmatória pau taco e eu sou canhoto e achava que eu não podia continuar sendo canhoto, que tinha que mudar então me davam palmatória enquanto eu ia escrevendo com a mão esquerda, eu nao sei como esses dedos não tão tudo quebrado (risos), eu apanhei uns bocados."

(08:15 - 08:41) +

"Fomos criados recebendo constantemente a ajuda da madrinha Loca que foi de uma importância extraordinária não só na ajuda da nossa educação primária como também da formação do nosso caráter, juntamente com o meu pai."

(08:55 - 09:15)

"Que se preocupava muito em sempre, em qualquer dia e ocasião me ensinar. A tecla que ele batia sempre, amor ao próximo, e muita atenção aos pobres"

OFF5- ANGÉLICA: Ao completar 13 anos o pai de Pinho lhe fez dois pedidos; os quais queria que se esforçasse para cumprir ao longo de toda a vida.

MVI_1255 PINHO

(09:58 -10:01) +

“Primeiro, que você se forme em farmácia”

(11:10 - 11:12) +

“Pra continuar com a tradição da nossa farmácia”

(11:22 - 11:30) +

“Segundo pedido quero que você nunca deixe um pobre sair da nossa farmácia sem ser medicado”

(11:37 - 11:56)

“Se precisar de um remédio caro ou caríssimo, dê. Porque não vai lhe fazer falta. Porque Deus através de Jesus, através de Santíssimo lhe compensará. Foi a maior verdade que eu já vi. Cumpri a risca isso até hoje.”

- SECA

OFF6 - ANGÉLICA: “Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarada nudez das latas raspadas”. É assim que a escritora cearense Rachel de Queiroz retrata as situações de miséria e de degradação que famílias do interior do Ceará viveram em 1915, na obra “O Quinze”. **IMAGENS ANGIQUATU (tem imagens de pessoas levando água, açude e plantação seca)**

MVI_1119 ANTONIA

(00:01 - 00:12) +

MIRIAM - “Foi uma seca assim imensa. e meu avô tinha muito coqueiro e ele sobreviveu o povo da Redenção”

(00:44 - 01:16) +

MIRIAM - “Ela conta que teve no Amargoso, chegou um ponto que o pessoal comia animais. Comia cachorro, comia tudo. E não tinha mais animais pequenos, aí um senhor que já não tinha mais nada ele ia matar a filha dele pra dar de comer os outros filhos. Aí a moça tava amarrada... e longe o outro fazendeiro ouviu os gritos da filha”

(01:25 - 01:29) +

MIRIAM - “De lá veio e trouxe o último cavalo que tinha e trocou a moça por esse animal.”

(01:52 - 02:03)

MIRIAM - “E nesse tempo o irmão mais velho, tio Luís, já era casado, e ele tinha parece que dois filhos pequenos e teve um dos filhos que morreu de fome, de fome mesmo porque era muito pequeno.”

MVI_1364 PEREIRA

(01:08 - 01:14) +

"Ficamos sem beber água, comendo palmatória

(01:22 - 01:26)

“E eu bebi aquela aguinha da folha da palma"

OFF7 - ANGÉLICA: A seca é um antagonista na vida dos cearenses, rodeia-os como um pesadelo, que não tem prenúncio de fim. **IMAGENS ANG IGUATU**

MVI_1473 NOGUEIRA

(07:33 - 07:39) +

"Eu sofri muito com a falta de chuva, com a seca do nordeste”

(07:42 - 08:13)

“Eu plantava, aí às vezes o milho já bonecando aí plantava a chuva, até murchar e as espiguinhas estar viradas, a boneca virada. Aí perdi, o milho tudo murchando, ficava tudo seco. Com a dificuldade de vida aí fazia a plantação aí ia para o fundo do poço.”

MVI_1178 IZAURA

(17:05 - 17:18)

"A gente ia buscar a água longe, pra beber, pra tomar banho, pra lavar roupa mal lavada, com água pouca.”

- **DIVERSÃO**

OFF8- ANGÉLICA: A infância é fase de brincadeiras, diversão e leveza. Mas esses momentos que caracterizam os primeiros anos de vida não são compartilhados da mesma forma por todos.

MVI_1356 PEREIRA

(04:06 - 04:08) +

"A eu brincava de cavalinho de pau"

(04:37 - 04:38) +

"Com os meus irmãos".

(04:11 - 04:20)

"E um cavalinhozinho eu montava no cavalinho, era uma varinha apoiava um cabrestinho na vara e ficava correndo em volta da casa"

(04:24 - 04:28)

"Quando cansava eu parava e guardava o cavalim"

MVI_1255 PINHO

(14:24 -14:55)

"Agora eu fui muito endiabrado de brincadeiras que eu fazia, por exemplo umas coisas que eu apanhei uns bocados, o papai nunca bateu e gritou comigo, quando eu errava eu sentia que as orelhas ficavam quente e o papai passava as mãos na minha cabeça, e dizia meu filho você fez uma coisa errada, você fazendo isso pode acontecer isso, isso isso"

MVI_0842 NOGUEIRA (NOVA ROUPA NO PERSONAGEM)

(09:15 - 09:35) +

"Não, não podia se divertir minha vida era trabalhando. A minha diversão era quando tinha novena em Maranguape, aí eu ia pra novena, sabe. Tinha ola, aquele divertimento de festa"

(09:42 - 09:53)

"Mas não tinha dinheiro minha mãe me dava 2 tões, 20 centavos que é hoje pra ir pra novena."

MVI_1175 IZAURA

(05:11 - 05:25) +

"Só trabalhava, pra ganhar o pão. Vocês sabe quanto eu ganhava? Uma pataca

(05:39 - 06:02)

"Era uma moeda, agora essa pataca eu trabalhava a semana todinha, quando era no dia de

feira, eu ia pra feira e comprava: arroz, feijão. Farinha nesse tempo era de dois tons, o quilo, e eu saía procurando o mais barato"

7 (((ESCRAVIDÃO)))

OFF9 - ANGÉLICA: Quatro anos antes de a princesa Isabel assinar a Lei Áurea, que aboliu a escravidão, os negros já tinham sido libertos em Redenção, no Ceará, em 1884. Mas mesmo após décadas de alforria, os ex escravos continuavam trabalhando em casas de coronéis.

MVI_1118 ANTONIA

(08:30 - 08:56) +

MIRIAM - “Ela conta que quando meu avô ia pra redenção, dia de domingo, fazer a compra da semana, elas pegavam uns homens lá, uns morenos com o violão e sanfona até o velho chegar. Quando ele tava perto de chegar, corria todo mundo. Elas iam varrer a casa, lavar, tirar a poeira, para o velho não desconfiar.”

(07:51 - 08:29)

MIRIAM - “Os negros naquela época eram considerados escravos, embora não usasse o nome de escravos, mas bem sabe que ele, por ser branco, era racista. Ele não permitia que um negro passasse em frente à casa dele, não era mãezinha? Tinha a casa dos negros, ele dava tudo que eles precisavam, davam comida, dava roupa, dava remédio, mas eles não tinham acesso às filhas dele, que eram as princesinhas então não tinha acesso. Mas como toda jovem elas aprontavam a delas também.”

MVI_1256 PINHO

(09:11 - 09:24) +

“Meu avô tinha a farmácia, a loja, então ele vendia tecidos. Então ele compraram tecidos finos”

(10:11 - 10:54) +

“Tudo era de fábrica. E tinha uma fábrica lá no Maranhão e meu avô veio nesse tempo comprar lá, no tempo da escravidão e quando chegou lá em São Luís tinha um navio negreiro no porto.....aí ele foi lá ele disse...ele abria a boca do negro pra ver se tinha dente bom pra comprar. Ele então comprou três escravos nesse dia que foi lá.”

(11:09 - 11:25)

“Então era Catarina, Caqui e Cacó. Então quando ele comprou, trouxe, mas nunca foram tratados como escravos.”

8 (((LAMPPIÃO))))

OFF10 - ANGÉLICA: A história do Nordeste também é marcada pelo cangaço, movimento criado em oposição às ações do governo. Antônia contou aos filhos que quando Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, passou pelo Ceará, buscou abrigo em Redenção.

INSTITUTO MOREIRA SALLES, LAMPPIÃO (4 fotos)

MVI_1119 ANTONIA

(04:11 - 04:32) +

MIRIAM - “Ela tem memórias, acho que do Lampião ela tinha uns 10 anos, quando o Lampião mandou avisar que ia pra Amargoso, a terra delas. E meu avô mandou dizer que ele podia ir e que recebia muito bem, porque ele só queria abrigo, né. Meu avô mandou preparar a casa de farinha todinha, né”

(04:52 - 05:14) +

MIRIAM - “Mas ele mandou dizer SEU BATISTA NÃO SE PREOCUPE QUE AQUI NINGUÉM MEXE COM NINGUEM. A GENTE SÓ TÁ QUERENDO UM TEMPO. Aí passaram lá esses dias e foram bem alimentados na época e tudo, e ninguém fez mal a ninguém. Porque se eles fossem bem tratados, eles faziam tudo pra não prejudicar aquela família.”

(05:17 - 05:22) +

MIRIAM - “Ela não sei se chegou a ver, né. Elas olhavam tudo pelas fresta das portas, não podiam sair né, eram tudo trancada dentro de casa.”

(05:37- 05:58)

MIRIAM - “Eu sei que ela disse que ficou com tanto medo, tinha um trauma tão grande quando ouvia falar em lampião, já moça mas morriam de medo...porque naquela época a história era bem tenebrosa, né. Nera mãezinha. FALA E AÍ DO LAMPPIÃO, DA MARIA BONITA.”

9 (((ADOLESCÊNCIA))))

OFF11 - ANGÉLICA: O período que para muitos é considerado de passeios e *namoricos* - a adolescência, para Nogueira, foi diferente.

MVI_0842 NOGUEIRA

(14:10 - 15:15)

"Não tinha dinheiro, andava maltrapilha, andava com roupinha de alfácia, não tinha um sapato bom, não tinha nada. Então as meninas só queriam aqueles meninos que andavam mais nobre, mais bem prontos, então eu sobrava toda vida, eu sempre sobrava. Agora só que quando cresci, tirei a carta de motorista, comecei a trabalhar, meus dentes eram todos estragados, aí mandei preparar a boca, ajeitar tudo, aí foi melhorando, sabe!?. Aí fui trabalhar, tirei a carta de motorista. Aí quando tirei a carta de motorista, comecei a , eu tinha a menina que eu queria, gostava, gostava. Mas o tempo traz essas coisas mesmo"

MVI_1118 ANTONIA

(08:58 - 09:13) +

MIRIAM - "Elas saiam pra Redenção pra dançar nas festas orquestradas que tinha que só dançava doze pares. Doze homens, doze mulheres escolhidas a dedo"

(09:22 - 09:23) +

MIRIAM - "o que era escondido."

(09:46 - 09:58)

MIRIAM - "Mas usando o vestido longo naquele tempo, quando elas saiam iam pra casa de uma cunhada que dava apoio pra elas, e lá levavam agulha com linha e prendiam tudin e saiam tudo com os vestidos no meio da perna"

10 (((((MUDANÇAS - FORTALEZA))))))

OFF12 - ANGÉLICA: Por ser uma família composta de oito irmãos, os Pinhos não precisavam de muita gente para aproveitar a adolescência. Quando chegou a hora de seguir os passos do pai, foi preciso sair da terra natal e seguir para Fortaleza. O estudo em Viçosa não dava mais conta. O combinado com os pais é que primeiro viriam os quatro mais velhos: Pinho, Pessoa, Zeliota e Geminiano. Na capital os irmãos se destacariam na conhecida República dos Pinhos. O quarteto levou alegria ao lugar e, graças a um vizinho, o sobrenome da família virou nome de uma rua próxima. ((**MVI_1665 vídeo com as imagens dos irmãos**))

MVI_1258 PINHO

(11:01 - 11:16) +

“Ele falou com o prefeito pra mandar uma mensagem pra Câmara pedindo pra dar o nome dessa rua que estava sendo aberta de Rua Pinho Pessoa em Homenagem a nós”.

(03:17 - 03:32) +

“O meu tio que morava no Joaquim távora, na rua que era Visconde do Rio Branco, ele disse olha Pinho desocupou uma casa uma casa vizinha a minha”

(03:48 - 03:49) +

“Um casarão enorme”

(05:24 - 05:26) +

“Passamos lá então, até eu me formar”

(05:45 - 06:16)

“Na casa de meu tio tinha dois pianos, os pianistas lá da casa, e dois filhos que estudavam direito os dois e tinha 6 colegas deles da faculdade de direito que de noite convidava as moças da vizinhança e fazia dia de domingo, um sarau dançante lá.”

OFF13 - ANGÉLICA: Izaura também saiu de Barbalha para Fortaleza. Diferente dos Pinho, veio trabalhar. E, quem sabe, encontrar uma realidade melhor.

MVI_1175 IZAURA

(03:44 - 03:54) +

"Eu sei que quando eu vim para cá. Quando uma família me trouxe pra cá eu tava com 19 anos e de lá pra cá, perdi o tempo"

(08:16 - 08:56) +

“Aí minha filha, eu sofri viu, eu sofri minha vida lá. Eu trabalhava, eu tomava conta da casa, fazia comida, quando era a hora da comida a patroa botava a comida todinha na mesa. O meu comer vinha da mesa, agora como vinha da mesa, os restos que os filhos comiam. Eles comiam, quando não queriam mais já juntavam ali e botava pra mim”

(09:12 - 09:24) +

“Eu olhava pra aquele comer e as lágrimas corriam e eu não comiam, colocava pro cachorro”

(09:42 - 09:58) +

“De frente assim tinha uma senhora que me chamava escondida e me dava um copo de leite, um pedaço de pão e era com isso que eu passava”

(10:03 - 10:18) +

"Passei, não passei muito, muito tempo porque eu fugi. Tinha (...) o vigia da rua, aí

(12:20 - 12:39) +

“Fui lá para casa que o vigia arranhou, lá eu passei muito tempo, era muito bem tratada. Os filhos da patroa era tudo legal comigo. Passei uns poucos de anos lá”.

MVI_1175 IZAURA

(15:51 - 16:24)

"Eu tive o meu filho na casa onde eu trabalhava, ele foi criado mais nessa casa, mas eu fiz essa barraca e fui morar dentro e ficar com ele, só eu e ele, e Deus. Aí arranhei lavagem de roupas e fui viver com ele. Fui viver com o meu filho muitos e muitos anos"

OFF14 - ANGÉLICA: O único filho de Izaura morreu aos 32 anos.

MVI_1106 ALEXANDRINO

(07:34 - 07:35) +

“Eu morei nesse período afora”

(07:40 - 07:54) +

“No Rio de Janeiro, morei em Recife, era transferido, né”.

MVI_1356 PEREIRA

(02:57 - 03:04) +

"Eu cheguei, meu pai veio de mudanças pra cá menina. Papai trouxe a mudança para Iguatu"

(03:10 - 03:46) +

"Ele veio primeiro quando era rapaz novo, ele andava e gostava de Iguatu. E lá quando ele foi buscar nós a família lá na Paraíba, no Jatobá de Piranhas. Lá ele tinha poder, tinha recurso. Vendeu a fazendinha lá e comprou um caminhão Chevrolet Brasil, pra trazer mudança, pra qui pra Iguatu" **IMAGENS ANG IGUATU 1, IMAGENS ANG IGUATU 2**

MVI_1359 PEREIRA

(00:29 - 00:47) +

"Quando foi pra chegar a Fortaleza com o meu pai de criação Mário Espinelo, eu fui mexer com o seringal e ouro"

01:17- 01:25

"E eu vinha à Fortaleza. mas eu vim encaminhado sabendo que a minha família inteira é de Iguatu".

OFF15 - ANGÉLICA: Após se casar com Joaquim (**MVI_1148 imagens de Antônia com o marido**), Antônia foi morar no município de Pacajus. Depois de idas e vindas constantes para a capital cearense, resolveu construir uma casa no Bairro João XXIII.

MVI_1118 (ANTÔNIA)

(13:59 - 14:18)

MIRIAM - "Comprava aquele tijolo, e comprando e comprando, quando ela comprou todo o material foi que chamou os pedreiros de lá pra vir construir, Foi quando o meu pai soube. Aí ela construiu a casa todinha, meu pai vendeu uns bois pra ajudar e a gente só veio pra cá quando a casa estava toda pronta"

MVI_1255 PINHO

(03:02 - 03:14) +

"Eu me formei dia 16 de dezembro de 1944, faculdade de farmácia e odontologia do Ceará"
((pasta arquivo pessoal - foto dele formatura))

MVI_1256 PINHO

(06:46 - 06:58) +

"Quando eu assumi a farmácia, depois que meu pai morreu, eu restaurei o laboratório todo melhorei as condições bastante" **((pasta arquivo pessoal - foto dele na farmácia em Viçosa)**

(07:15 - 07:26)

"Consegui selecionar uma porção de produtos fitoquímicos, ou seja produtos que dão certo em determinadas doenças."

OFF16- ANGÉLICA: Do trabalho constante na farmácia localizada na Praça Matriz de

Viçosa, Pinho diz que foi o primeiro profissional a notificar um surto de Leishmaniose Visceral no Ceará. A doença, que é conhecida como Calazar, contaminou moradores na área rural da cidade. ((livro com imagem de fotografia dele comprovando a descoberta MVI_1285))

MVI_1260 PINHO

(03:18 - 04:21)

"Eu descobri da seguinte forma: eu estava na farmácia quando chegou uma senhora com um garoto no dia 26 de janeiro de 1946. Doutor Pinho esse menino aqui tem três anos e quatro meses, ele só passou com saúde um mês e quarenta dias ooohhh, como é, um mês e quatro dias, o resto foi com febre. Eu comprei o termômetro e comecei a tratar ele com saboeiro (CORTAR SOM (telefone toca)) e então consegui baixar a febre durante um dia, quando era noite subia a febre". +

(04:40 - 05:22)

"Aí levei ele a três médicos e passavam remédios e diziam que isso era doença de produzida pela malária, onde eles moravam era uma região endêmica de malária. Aí botei o menino em cima tirei a toquinha dele quando tirei a toca fiquei espantado, o menino com alopecia, com ralos na cabeça. Esse menino quando nasceu era cabeludo doutor" +

(05:35 - 05:36) +

"Examinei os gânglios"

(05:44 - 05:49)

"Altamente palpáveis outra característica do calazar" +

(07:43 - 07:47)

"Nesses dois ou três dias tô indo lá na sua casa de noite" +

(07:57 - 08:06)

"Cheguei lá na porto do terreiro como ele chama e vi um o cachorro vira lata grande", +

(08:25 - 08:45)

"Com a ponta do focinho e a orelha ferido e as unhas da pata dianteira cresceram tanto que formaram um verdadeiro aro"

OFF17 - ANGÉLICA: Uma nova profissão fez Nogueira vir a Fortaleza. Na capital chegaram ele com a primeira esposa e a filha mais velha. Depois que a família se instalou,

mais dois filhos nasceram.

MVI_1473 NOGUEIRA

(15:50 - 16:04) +

"Eu vim quando eu fui trabalhar no Expresso que foi em 49, parece que foi"

MVI_1474 NOGUEIRA

(00:57 - 01:10) +

"Tinha bonde pra Aldeota, pra Prainha, de Antônio Bezerra não tinha, tinha de São Gerardo"

(01:27 - 01:51) +

“Antônio Bezerra era matéria pra fazer essa cidade, as casas, os prédios, rodeado do centro da cidade. Antônio Bezerra era onde tirava todo o material, era o barro vermelho, liso, quando chovia ficava deslizando, era uma vida difícil, era o Antônio Bezerra.”

MVI_1473 NOGUEIRA

(17:01 - 17:11)

"Eu conhecia tudo, hoje se me soltar no lugar qualquer eu fico tonto porque eu não sei, eu não conheço mais a cidade."

OFF18 - ANGÉLICA: As mudanças de uma época não estão ligadas apenas a espaços públicos, mas também a estruturas físicas pessoais, morada, abrigo, espaço do aconchego, onde o descanso é permitido para o novo amanhecer. É uma nova realidade experimentada por José Pereira.

11 (((((LAR TORRES DE MELO))))))

SOB ÁUDIO/ MVI_1365 PEREIRA

(01:10 - 01:29) +

"Mais que eu nasci, mais eu que nasci a 1000 anos atrás. Quem quiser saber meu nome é um ditado popular, José Pereira dos Santos é o nosso campeão. Sou campeão, sou campeão, sou campeão mundial"

MVI_1701 PEREIRA

(00:03 - 00:04) +

ADRIANA - "Ele morava no abrigo para homens.

(00:08 - 00:23)

ADRIANA - "O abrigo de lá foi considerado em considerações inadequadas para receber idosos em situações de rua, porque ele tinha escada; ela não era uma abrigo que favorecia a vida dos idoso, entendeu! "

OFF19 - ANGÉLICA: No Lar Torres Melo, Pereira pôde realizar um dos sonhos: rever o mar.

MVI_1701 PEREIRA

(07:32 - 07:39)

ADRIANA - "Uma das experiências que eu tive com o Zé Pereira mais significativas foi a Praia Acessível, que nós fomos"

(08:29 - 08:56) +

ADRIANA - "Quando chegou lá pra nossa surpresa a gente achava que ele não ia querer tomar banho de mar. Achou que ele não podia querer, se recusar, mas ele foi numa alegria sabe!? Infantil, eu sei que não é infantil, porque eu não infantilizo o idoso, eu sei que era uma alegria de resgatar alguma coisa que ele viveu que foi muito importante pra ele, mas a alegria dele era contagiante"

(10:14 - 10:40) +

ADRIANA - "Ele vive intensamente as coisas que ele pede para viver, "eu quero ir ver o mar", então pra ele isso ganha uma importância enorme e aí a gente aprende isso com o Zé Pereira que coisas que pra muita gente é insignificante chega um momento da vida que se tornam bastantes significativas. E que quando são significativas você tem que aproveitar o máximo, não interessa que você tenha limitações."

MVI_1365 PEREIRA

(02:12 - 02:21)

"Canto em qualquer país, canto em qualquer estado. É cantador, é cantador, iuhhhhhh! "

OFF20 - ANGÉLICA: Além da perda parcial da visão, como é o caso de Pereira, o envelhecimento traz marcas irreversíveis como problemas de audição e locomoção. Estes detalhes, por mais que pesem, fazem parte da construção da vida.

12 (((((MARCAS DA VELHICE))))))

- **Imagens do Pinho tocando piano (MVI_1289 PINHO) (TOCANDO PIANO))**

MVI_1289 PINHO

(01:42 - 01:51) +

"Péssimo, péssimo, os meus dedos não tem mais agilidade, viu!" +

(02:02 - 02:26)

"Fico com artrose nos dedos e é dormente minha mão minha mão é completamente dormente. Eu me lembro das músicas todas que eu tocava com partitura. Toquei em muita festa."

MVI_1387 ALEXANDRINO

(00:02 - 00:05)

"A minha audição é reduzida, ne...."

MVI_1179 IZAURA

(09:32 - 09:50)

"Às vezes eu fico assim, eu boto meus braços assim e digo: oh meu Deus quem era os meus braços, hoje em dia tão cheio de pele, mas o que eu posso fazer, né!? Tenho que é viver, é alegre"

MVI_1119 ANTONIA

(09:17 - 09:25)

MIRIAM - "Essa aqui dançou muito forró. Até antes de ela quebrar a perna. 90 anos. Dançava Luiz Gonzaga mais ela chega suava, NE MAEZINHA."

14 (((((CASAMENTO))))))

OFF21 - ANGÉLICA: Izaura já teve muitas etapas na vida. Em uma delas, passou anos com um companheiro, mas nunca se casou. Mesmo depois da morte dele, Izaura continuou cuidando dos filhos e netos que o parceiro tinha de um antigo casamento. Por falar em casamento...

MVI_1175 IZAURA

(01:55 - 01:57) +

"Nunca me casei e tenho raiva de quem casa"

(02:00 - 02:24)

"Porque eu imaginava em casar e marido querer mandar em mim, e eu nunca gostei de ser mandada por ninguém, tá bom!? Nunca gostei de ser mandada não"

OFF22 - ANGÉLICA: Pinho teve direito a casamento com marcha nupcial. Mas o dia da união não foi calmo como mostram as fotos. Poucas horas antes de entrar na igreja, um dos tantos homens que já foram ajudados pelo "doutor" chegou pedindo ajuda.

MVI_1257 PINHO

(09:32 - 09:39) +

"Apareceu um homem com chicote na mão rapaz chegou e disse dr. Pinho quero lhe pedir pro senhor pelo amor Deus, salvar a minha mulher".

(09:45 - 09:57)

"Ela tá em trabalho de parto nasceu um braço e a parteira mandou dizer que, se não tiver o bebê, morre ela e o menino que tá no ventre"

OFF23 - ANGÉLICA: Cumprindo a promessa que fez ao pai, o noivo acompanhou o homem e foi auxiliar no parto. Não foi fácil. Foram horas para conseguir salvar a criança e a mãe. E, desfazendo a regra, foi a esposa de Pinho que o esperou no altar.

MVI_1257 PINHO

(16:01 - 16:12) +

"Eu fiz a assepsia dela rápido e desembestei pra lá. Tomei um banho, o casamento foi às 7:30 da noite"

(16:18 - 16:25)

"Fiz esse ato de caridade e Deus acabou me beneficiando"

OFF24 - ANGÉLICA: Mas esperar no altar não foi algo ruim para Lúcia.

MVI_1660 PINHO

(01:26 - 01:29) +

LÚCIA - "Fui paciente, nada me atingiu"

(02:10 - 02:26)

LÚCIA - "Eu achei natural porque a vida dele era essa, de servir o povo, era aquela coisa de última hora tinha que ir. Não tinha que dar opinião, tinha que aceitar"

OFF25 - ANGÉLICA: Já sobre o relacionamento, o casal compreende como uma dádiva.

MVI_1660 PINHO

(03:01 - 03:12)

LÚCIA - "Acho que é coisa de Deus mesmo, a gente passa por tanta coisa mesmo, acho que é coisa de Deus, (essa nossa união foi uma benção de Deus, tanto a união como a nossa vida).

MVI_1175 IZAURA

(13:17 - 13:40)

"Lá mesmo na minha casa, na minha família lá em Barbalha, apareceu um viúvo e queria morar comigo, ficar comigo. Eu meu senhor, vou ficar com sobejo da morte, eu prefiro ficar só. Ai vim embora pra Fortaleza de novo com medo de ficar junto com o viúvo"

MVI_1389 - ALEXANDRINO

(01:11 - 01:18) +

ESPOSA - "O casamento foi muito simples, em Teresina, no Piauí"

(01:25 - 01:42)

FILHO MARCELO - "Em que ano que foi? O ano? Não faça pergunta difícil kkk"

ESPOSA - "Pois é. Nem me lembro mais"

OFF26 - ANGÉLICA: Maria Consolação está casada com Alexandrino há quase 8 décadas. O alzheimer hoje não permite lembrar das tantas mudanças ao lado do marido, que dedicou a vida à carreira militar. Logo no início da união, em 1944, o jovem combatente foi convocado

para a Segunda Guerra Mundial. No tempo em que ficou na Itália, Alexandrino e a esposa se comunicavam por cartas. 56 envelopes atravessaram o atlântico carregando um mensagem de amor. (IMAGEM DE MÃO ESCREVENDO)

MVI_1106 ALEXANDRINO

(15:21 - 15:27) +

“Eu tenho até hoje as cartas todas”

MVI_1107 ALEXANDRINO

(08:41 - 08:44) +

“Eu embarquei no Rio de Janeiro em um navio, e fui desembarcar em Napoli”

MVI_1106 ALEXANDRINO

(17:44 - 17:54) +

“Lá é um negócio desumano. Guerra é um negócio desumano, né. Se matando. (por que, né?)”

(16:04 - 16:24”

“Eu sou de paz, né. De maneira que eu tenho que procurar desempenhar minha função da melhor maneira possível.”

MVI_1473 NOGUEIRA

(10:34 - 10:41) +

"Não fui convocado e nem fugi, nunca se lembraram de mim ("meu pai fugiu"- Vitória) e eu achei até bom”

(11:56 - 12:11)

"A 2º Guerra foi guerra do Hitler, não foi!? Eu só ouvi falar que ele queria comandar, mandar no mundo. Ele queria dominar todo o exército do mundo e queria ser o maior e nunca conseguiu” **FOTO HITLER, FOTO HITLER 2 (na pasta Imagens Segunda Guerra)**

OFF27 - ANGÉLICA: A segunda grande guerra começou em 1939 e chegou ao fim seis anos depois, em 1945. Os alemães, insatisfeitos com o resultado da primeira guerra e com a crise econômica que assolou o país, começaram uma nova busca por poder. No início, o Brasil não participou ativamente, mas em 1944, apoiando os países Aliados, enviou combatentes da Força Expedicionária Brasileira para a Europa. Alexandrino era um deles. Na

guerra, presenciou bombardeios e quase perdeu a vida. **SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**
(vídeos gerais da época. Estão na pasta **Imagens Segunda Guerra**)

MVI_1106 ALEXANDRINO

(12:53 - 13:17)

“Foi a única vez que eu praticamente fiquei com medo. Aí por outro lado eu cheguei a conclusão que ter medo é humano. Tive mais medo de coisa nenhuma.”

MVI_1259 PINHO

(00:26 - 00:48) +

“A guerra de 1914 eu não tinha nascido ainda, nasci 4 anos depois. Mas a guerra foi tão grande que se comentava muito em jornais, revistas”

(04:28 - 04:45)

“A segunda guerra mundial meu irmão, Zeliota, agrônomo, ele foi convocado pro exército. Eu fui convocado também, mas não tinha altura. Tinha 1,55”

MVI_1119 ANTÔNIA

(02:37 - 02:52) +

MIRIAM - “Ela conta que meu pai ainda teve que vir em Fortaleza. Na época, os homens de lá teve que vir pra Fortaleza e elas ficaram sozinhas, com um monte de criança. Ela conta que na época meu pai veio e ainda passou um mês aqui em Fortaleza que era pra ir”

(02:56 - 03:00)

MIRIAM - “E quando faltavam três dias pra eles viajar, a guerra acabou”

OFF28 - ANGÉLICA: Se para muitos guerra é sinônimo de ficar longe de casa, para Alexandrino, o confronto o recompensou com uma. É que, quando voltaram da guerra, os combatentes ganharam uma quantia considerável em dinheiro. Com a recompensa em mãos, Alexandrino comprou um pedaço de chão no coração da Aldeota e construiu um novo lar.

MVI_1108 ALEXANDRINO

(04:55 - 05:42)

“O que eu fiz, desenhei a parte da baixa os quartos, não queria corredor, a casa não tem

corredor”

OFF29 - ANGÉLICA: O sorriso no rosto revela o orgulho que tem por ter transformado essas paredes em lar. A casinha rosa, que hoje fica em meio aos prédios, não é um amontoado de cômodos qualquer. Foi aqui que, ao lado da esposa, criou os filhos.

MVI_1391 ALEXANDRINO

MARCELO - (06:09 - 06:54)

“O papai disse quando chegou nesse terreno, comprou esse terreno, esse cajueiro já tinha a altura que ele tinha. Ele já não está tão alto como era antes porque ele é um cajueiro, deve ter um 130 anos talvez. E ele deixava nós subir nesse cajueiro aí até o último galho, e no último galho nós conseguimos ver a praia. Porto do mucuripe não existia prédio não existia nada e era muito alto. E ele deixava.”

OFF30 - ANGÉLICA: A doença de alzheimer também faz parte da vida da família Batista. Aos 90 anos, Antônia foi diagnosticada no estágio inicial. Hoje, a voz quase não sai. Mas não falta gente para ser os olhos e os ouvidos da matriarca.

MVI_1123 ANTÔNIA

(07:37 - 08:28)

MIRIAM - “A cada momento. Quando ela começa a gemer muito, a chorar, o que eu faço?...Quando eu vou banhar que ela tá chorando muito aí eu abraço aqui, acaricio, e ela vai e se acalma...fazer, é carinho, calma, cantar. Quantas vezes eu tô aí 3 horas da manhã cantando musica de ninar do jeito que ela fez comigo....passando a mão na cabeça dela, na cama gemendo e eu DORME NENÊ QUE EU TENHO QUE FAZER, VOU LAVAR VOU ENGOMAR CAMISINHA PRA VOCÊ, AHHH AHHHH”. Quanto mais ela tá cantando comigo, começa a cantar e ela tá deixando de gemer e já começa a cantar também”

IMG_3085 DR. GLAUBER FERREIRA - NEUROLOGISTA

(06:23 - 06:35) +

"O Alzheimer ele afeta justamente a região, o Alzheimer típica, afeta a região responsável pela gravação de novas informações é o que impede as pessoas de gravar coisas novas, a

gente chama de memória interrogada”

(07:12 - 07:29)

“Então o paciente com alzheimer ele que meio que vive no passado, por causa disso, porque é a região que ele tá mais confortável, do que ele domina. Agora não quer dizer que eventualmente a doença vai avançando ela vai começar a avançar sobre memórias antigas também. O paciente com alzheimer eventualmente vai perder a memórias antigas, agora isso é mais pra frente, não no começo”

OFF31 - ANGÉLICA: De uns tempos pra cá, Antônia ganhou uma nova filha. A boneca, sempre no colo, é acalentada, e acalenta.

MVI_1118 ANTÔNIA

(04:44 - 04:48)

MIRIAM - “E essa aqui, quem é essa aqui. É sua filha ou sua neta?”

(04:50 - 04:57)

MIRIAM - “Tão bonitinha, ne. Como é o nome dela? É Rita, hein?”

(05:03 - 05:06)

MIRIAM - “É a filha da Albaniza, né mãe”

MVI_1169 DR. JOÃO - GERIATRA

(16:22 - 17:03)

“É muito difícil eu dizer que ela esteja correlacionado que aquilo ali é o filho mais velho e tal, que é o filho mais novo, o filho ABC... é muito pouco provável. mas de qualquer qualquer maneira tá evocando um sentimento primitivo de uma pessoinha, um recém-nascido, etc, né. Então a forma de relacionamento das pessoas que tem alzheimer com os outros é muito primária, não é muito elaborada, mas não quer dizer que não seja uma forma interessante para a própria pessoa e que a gente não deva valorizar, né”

15 (((ROTINA)))

OFF32 - ANGÉLICA: Apesar das diferenças entre eles, observa-se que, em seu cotidiano,

os centenários compartilham hábitos similares.

MVI_0877 NOGUEIRA

VITÓRIA - (05:53 - 06:10)

“Ele toma banho só, ele se veste só, ele engoma a roupa dele, ele toma café sozinho, você viu aí. Se for preciso ele vai acolá pegar o carro sozinho, daqui pra lá, eu brigo com ele com medo dele levar uma topada, ele não quer saber, vai”

MVI_1698 PEREIRA

(00:24 - 00:34) +

MARX - "Seu Pereira, quando eu chego a gente banha, a gente dá o banho primeiro, às vezes ele se recusa a tomar banho cedo, porque ele diz que tá frio” +

(00:46 - 01:00)

“Tem dia que ele tá muito falante, ele fala muito da história dele, tem dia que ele não quer falar nada. Tem dia que ele tá agressivo. Tem dia que ele passa o dia dormindo. Tem dia que ele fica perambulando pela casa, andando muito”

MVI_1180 IZAURA

(01:55 - 02:08) +

ANA HELENA - “Eu acordava às 5h da manhã, aí ficava nessa cozinha, fazia o café, fazia a comida, deixava pronta e me arrumava e chegava no trabalho cansada. Entrava 8h e saía 6h da noite, mas eu ficava lá preocupada”

(02:30 - 03:02)

“Ela comia pão com banana, passava o dia comendo besteira, entende!? Aí agora ela tá bem melhor, todo mundo diz que ela tá bem melhor, depois que eu tô em casa. Vai fazer um ano que eu tô em casa, no próximo mês. E os cuidados são acordar, fazer o café dou o café na mão, dou a água na mão, dou o almoço na mão. Apenas ela toma banho só, aí eu vou e troco a bolsa dela aí ela troca de roupa e vem pro sofá. Dia todinho ela vai pro banheiro, vem pro sofá. É a vida dela esse sofá”

MVI_1176 IZAURA

(06:17 - 06:31) +

"Eu sou furada aqui na barriga. O médico partiu minha tripa em 2008.

MVI_1123 – ANTÔNIA

(14:53 - 15:12) +

MIRIAM - “O café da manhã dela é normal como o nosso. Eu dou café com leite, pão com manteiga, às vezes um pedacinho de queijo, às vezes quando tá com uma dor de barriga eu não dou. Quando é 9h ela merenda fruta, laranja, banana, pedacinho de mamão. Quando é meio-dia, trago ela pra mesa, come na mesa”

(16:06 - 16:18)

MIRIAM - “Com o dinheiro dela dava até pra gente pagar um internamento, uma casa de idoso, mas jamais, a gente não quer isso pra ela. A gente quer tá perto...tem que tá olhando, tá vigiando, tá pastorando”

MVI_1107 ALEXANDRINO

(05:23 - 05:36)

“A minha rotina é ficar dentro de casa, eu já leio pouco, apesar de usar óculos. meus olhos ficam ardendo”

MVI_1391 ALEXANDRINO

(01:52 - 02:31)

MARCELO - “Essa relação com o papai e com a mamãe nesse momento atual é uma relação muito especial para todos nós. Porque nós resolvemos, entre os irmãos, que deveríamos participar mais ativamente desse momento da velhice deles. Então nós nos dividimos na função de cuidadores nos finais de semana. E isso é uma coisa muito interessante para nós. É o mínimo que nós podíamos fazer por eles, por tudo que eles fizeram por nós. E tem sido muito bacana pra gente e pra eles também.”

OFF33 - ANGÉLICA: Na rotina também estão os cuidados com a aparência.

MVI_1467 NOGUEIRA

(00:17- 00:26) +

"Gosto muito de usar chapéu, eu sou vaidoso no cabelo, mas gosto de usar chapéu"

(00:37----00:39)

"Faço a barba todo o dia".

MVI_1179 IZAURA

(08:57- 09:17)

"Eu gosto da minha roupinha assim sem manga. Às vezes eu visto minha bermudinha bem curtinha, fico aqui dentro de casa, minhas blusinhas sem mangas. Eu gosto".

OFF34 - ANGÉLICA: Antônia, a mais nova centenária, sempre foi vaidosa. Autoestima que lhe rendeu até uma coroa.

MVI_1117 ANTÔNIA

(03:31 - 04:01)

"Ela muitas vezes causava até inveja em muitas senhoras lá que não tinha aptidão que ela tinha de frisar cabelo, pintar unha, usar salto. A minha mãe usava salto, ela com 40 anos de idade, ela vinha em Fortaleza, ela usava os melhores batons que era o batom coti, me lembro demais desse batom, perfume coti, e ela muito lutadora e vaidosa, ela chegava como quem diz cheguei, causando ciúme nas outras mulheres, né"

OFF35 - ANGÉLICA: Quem disse que não existe segredo para viver tanto?

MVI_1108 ALEXANDRINO

(13:27 - 13:39)

"Acho que nao ter raiva de ninguém, não ter inimigos, comer pouco"

MVI_1478 NOGUEIRA

(01:17- 01:27)

"Morreram toda a minha família e eu tô sobrevivendo. Eu, modéstia parte, fui um bom filho."

MVI_1701 PEREIRA

(01:57- 02:35)

ADRIANA - "No aniversário dele de 104 anos foi uma lição pra gente, foi uma festa, porque ele falou. Ele disse que tinha chegado aos 104 anos porque ele cuidava da alimentação dele,

porque ele andava muito, porque ele era muito ativo e continua sendo. Dança, quando tem festa ele vai, nas festas ele dança, ele gosta de conversar, às vezes vai para o serviço social para cantar para as meninas, continua mesmo galanteador”

MVI_1119 ANTÔNIA

(07:51 - 08:06)

MIRIAM - “Toda vida...essa guerreira que foi. E hoje em dia ainda luta porque é uma sobrevivência, né. Ver que em nenhum momento ela enfraquece. Tá sempre de cabeça erguida, dizendo que ainda vai viver. Pergunte a alguém se ela quer morrer. Quer nada! Ela quer viver. Quer ser feliz, NÉ MÃEZINHA”

MVI_1177 IZAURA

(00:55 - 01:09)

"Não como carne, não como panelada, não como linguça, não como essas coisas enlatadas eu não como”

MVI_1169 DR JOÃO - GERIATRA

(00:49 - 01:08)

“Os Centenários representam um grupo especial. Hábitos são importantes para se chegar à idade Centenária, mas definitivamente nesse grupo os fatores genéticos têm uma importância muito maior do que no restante dos indivíduos que atingem a idade avançada”

IMG_3085 DR. GLAUBER FERREIRA - NEUROLOGISTA

(10:23 -10:29) +

"Então essas pessoas tiveram o misto de sorte, porque eles tiveram genes que lhe ajudaram”

(10:38 -11:05)

“Aí também tiveram um estilo de vida e levaram eles até tão longe. Então provavelmente eles não tiveram vidas complicadas que atrapalharam o potencial deles. Então a maior parte dos idosos tem histórico de vida de bom hábitos de dietas, de cultivar as amizades, ter relações com pessoas, de fazer atividade física regular”

MVI_1475 NOGUEIRA

(01:39 - 01:49)

“Eu tinha um medicamento que eu usei durante muitos anos, mas depois saiu de linha e eu deixei, era o GH3.”

OFF36 - ANGÉLICA: O gerovital H3 é um complexo de vitaminas que melhora o estado físico e mental dos pacientes. Mas viver muito vai além dos cuidados com o corpo. **FOTO GEROVITAL (na pasta fotos e vídeos variados)**

MVI_1475 NOGUEIRA

(01:19 - 01:27)

"O que é importante a gente ter fé em Deus e Deus tá com a gente, ajudando, protegendo e defendendo”

MVI_1686 PINHO

HILDA - (02:06 - 02:29)

“Muito dessa vitalidade que ele tem, dessa garra, dessa vontade de viver, e de ser uma pessoa boa como ele diz, que acha que Deus tá possibilitando essa vida longa pra ele, por conta de tantas coisa boas que ele fez pra tanta gente no interior. Que ele apesar de ser farmacêutico, no interior ele era como médico, ele ajudava muitas pessoas.”

MVI_1178 IZAURA

(06:21 - 07:01)

"Tudo que vou fazer, oh meu Deus me ajude, me ajude meu Deus. Aí eu rezo. Aí eu durmo, quando eu vou dormir, ah meu Deus, será que eu amanheço viva? Se eu não amanhecer me perdoar por tudo que eu tenho feito nesse mundo. Aí quando amanhece o dia, meu Deus muito obrigado, por mais um noite que eu passei, que eu posso fazer!?! Só isso mesmo"

MVI_1107 ALEXANDRINO

(04:12 - 04:31)

“Eu respeito a igreja mas nunca fui religioso de fechar os olhos. Eu respeito, respeito a religião mas não rezo”

OFF37 - ANGÉLICA: A prova desse respeito pela religião, é que sua esposa sempre lia a Bíblia para os filhos quando crianças.

MVI_1389 ALEXANDRINO (MOMENTO ENTRE A ESPOSA DE ALEXANDRINO - MARIA CONSOLAÇÃO E O FILHO MARCELO)

(10:09 - 10:37) +

MARIA CONSOLAÇÃO - “O amor é sofredor, é benigno, o amor não é invejoso; o amor não se vangloria e não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal;”.

(10:48 - 10:56) +

MARIA CONSOLAÇÃO - “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba”

(12:28 - 12:33) +

MARIA CONSOLAÇÃO - “Muito bonito, ne? De quem é essa poesia?

(12:34 - 12:44)

MARCELO - “Isso aqui é a citação bíblica de Paulo AOS CORÍNTIOS” (esposa de Alexandrino completa)

MVI_1370 PEREIRA

(12:04 - 12:24)

“Não existe Deus. Você sabe quem é o nosso Deus? Nosso deus é o presidente do país, presidente do estado, que dá o leite e o pão pra você comer todo santo dia”

OFF38 - ANGÉLICA: O pão e o leite comprados hoje são frutos de uma vida de muito trabalho. Depois de anos sem receber o benefício, às vésperas do aniversário de 105 anos, seu Pereira conseguiu aposentar

MVI_1701 PEREIRA

(03:49 - 04:16)

ADRIANA - “Possivelmente o Zé Pereira, a partir de agora tem outra condição, tem outra condição de cidadania, com um restabelecimento de todos os direitos deles. Primeiro foi a documentação, o mais difícil identificar uma pessoa da idade dele, ele tinha poucas

referências para a gente correr atrás, mas uma vez identificado tudo, a gente conseguiu resgatar todas as coisas até chegar ao benefício.

MVI_1180 IZAURA

(08:28- 09:08)

“Aí me aposentei com 70 anos, aí eu recebo aquela esmolinha do governo me dá e eu agradeço muito, muito. Triste de mim senão fosse esse dinheirinho que eu ganho do governo. Eu não ganho décimo mês, é só aquele dinheiro limpo e seco, mas me serve muito. Compro meus remédios, é desse jeito minha filha”

OFF39 - ANGÉLICA: Os passos são mais lentos, é verdade. Mas os sonhos e planos para o futuro não param.

MVI_0846 NOGUEIRA

(07:09 - 07:31)

"O sonho que eu tenho, eu tenho dois sonhos que eu venho pedindo a Deus, não sei se Ele ainda vai me dar, é uma casa própria pra mim morar, que eu moro em aluguel e um carro possante bom que me conduza, me leve com segurança aonde é que eu queira ir com a minha companheira”

MVI_1107 ALEXANDRINO

(02:18 - 02:26) +

“É, eu tenho planos assim mas é até eu ando atrás do sentido da vida”.

(02:31- 02:43)

“De certo modo achei né. É fraternidade, é a vida austera, esses dois aspectos por exemplo.

MVI_1176 IZAURA

(09:32 - 09:51)

"tenho vontade sabe de que!? Era de arranjar um dinheiro, ajeitar a minha casinha, pra deixar ela bem direitinha, se eu não posso, o que eu vou fazer!?”

MVI_1119 ANTÔNIA

(08:11 - 08:28)

(Dona Antônia fala bem baixinho mais e Mirian repete) “Ter uma casa pra morar e outra pra morrer (RISOOOOOS)”

16 (((MEDO DA MORTE))))

OFF40 - ANGÉLICA: Quanto tempo ainda me resta? Essa é uma das perguntas que até quem não chegou aos 100 anos pode se fazer. Mas, para os centenários, à medida que o tempo passa a relação entre vida e morte é encarada com mais naturalidade.

MVI_1370 ZÉ PEREIRA

(08:48 - 08:57) +

“Eu já morri três vezes, porque eu vou ter medo de morrer? Pra mim tanto faz”

(10:15 - 10:24)

“A terra cria você tá lhe criando, pra você se formar, pra ficar mais grande, pra quando você morrer a terra vai lhe comer”

MVI_1178 IZAURA

(04:40 - 05:15)

"Eu não tenho sabe por que minha filha? Se eu tiver medo eu vou e se eu não tiver eu vou sempre. O que adianta ter medo. Isso eu não tenho medo não. Às vezes passa ai gente, Izaura tá sozinha? Tô sozinha não, tô com Deus, tu não tem medo não? Tenho não. Porque quando for pra me ir tanto faz eu tá com 50 pessoas como não tá. Quando eu for, eu vou é sozinha”

MVI_1475 NOGUEIRA

(02:56 - 03:12)

"Eu tenho medo é de sofrer, de ficar sofrendo, sem poder fazer o que eu fazia na minha vida, com condição de vida mínima. Ou sofrer a consequência de um doença.”

OFF41 - ANGÉLICA: Quem vive, muito ensina. Antônia, Alexandrino, Pinho, Nogueira, José Pereira e Izaura. Pai, mãe, irmão, tia, sobrinha, amiga, cunhada, colega de trabalho,

vizinho... As ligações são muitas. Por onde quer que passemos, deixamos marcas e levamos memórias.

17 (((((ENSINAMENTOS))))))

MVI_1698 PEREIRA

(02:54 - 03:01)

MARX - “Foi aqui no Lar Torres de Melo que eu decidi fazer psicologia, curso psicologia hoje e pretendo trabalhar com idoso também”

MVI_1686 PINHO

HILDA - (01:39 - 01:56)

Porque ele é uma pessoa cheia de vida, infelizmente agora ele não tá enxergando bem, mas é uma pessoa que sempre gostou muito de ler, pessoa muito ativa, que sempre gostou de estudar, de pesquisar de conhecer coisas novas, ele sempre passou isso pra gente”

MVI_1391 ALEXANDRINO

(02:38 - 03:10)

MARCELO - “Honestidade, eu acho que seria assim um dos ensinamentos de maior força que eles passaram pra gente”

MARCOS - “O outro é solidariedade. Essa casa sempre foi um referencial pra muita gente.O que a gente viu desde a infância de pessoas que pediam alguma ajuda e a porta sempre aberta”

MVI_1180 IZAURA

(03:22 - 03:40)

HELENA - "Tudo né, tudo que eu aprendi eu devo a ela, de eu ser uma pessoa honesta, verdade, sincera, uma pessoa que não pensa nada ruim de ninguém, não que o mal pra pessoas. Tudo isso eu aprendi com ela e na vida também, né!”

MVI_1123 ANTÔNIA

(08:35 - 09:12)

MIRIAM - “Acima de tudo respeito para com o ser humano. Respeito, amor e solidariedade são as três coisas básicas que a gente tem pra deixar, pra nossa família, pra sociedade, pros nossos vizinhos. É sempre se colocar no lugar do outro, que hoje você olha assim: TA UMA VELHA, DÁ TRABALHO. DÁ. MAS QUANDO ELA ME CRIOU QUE EU DEI TRABALHO PRA ELA. Que à noite ela saia no escuro para procurar um pau de lenha pra fazer um chá pra mim? Ela nunca me cobrou. Então hoje, o que eu puder fazer por ela, eu faço.”

MVI_1391 ALEXANDRINO

(11:36 - 12:22)

MARCELO - “Eu acho assim, que além de todos os ensinamentos morais...uma coisa que eu sempre observei com muito carinho para com eles foi o seguinte: essa entrega. Essa entrega de entregar na vida inteira, praticamente não ter vida social, não ter vícios nenhum para poder criar uma grande família. Isso nao é pra qualquer um. É preciso muito desapego das coisas mundanas da vida pra poder conseguir isso aí. Então isso aí pra mim sempre foi uma coisa extraordinária por parte deles”

OFF42 - ANGÉLICA: Os ensinamentos ficam e perduram por gerações. Como todo conselho é bem-vindo...

MVI_0847 NOGUEIRA

(01:39 - 02:02)

"Se eu pudesse dar um conselho, eu diria pra cada um deles procurasse viver uma vida com dignidade, cada deixasse de viver sua vida sem problema, sem querer um viver melhor de que o outro, nem de ter uma condição de vida superior a do outro”

MVI_1108 ALEXANDRINO

(09:25 - 09:35) +

“Eu acho que educação. tem que chegar na educação.”

(09:41 - 09:47)

“Sem educação fica difícil você alcançar os objetivos, né.”

OFF43 - ANGÉLICA: O Ceará passa por uma transição demográfica — cenário semelhante em todo o país. De acordo com projeções realizadas pelo IBGE em 2018, em 25 anos, o número de idosos será maior do que o de crianças e jovens. Mas será que a sociedade está preparada para envelhecer? Alegrias e dores cercam esta fase da vida. Mas, acima de todas as dificuldades, o importante é que se consideram felizes.

MVI_1698 PEREIRA

(04:39 - 04:51)

MARX - "Ele é feliz apesar da idade, apesar dos problemas que ele tem, ele é feliz, de certa forma consciente do que ele quer e do que ele não quer"

MVI_1108 ALEXANDRINO

(14:25 - 14:35) +

“Ahh, sou. Nunca quis ser rico.”

(14:37 - 14:41)

“Vivia com o salário do exército.”

MVI_1178 IZAURA

(02:40- 02:59)

"Mais ou menos, eu sou feliz, não me falta meu feijão, não me falta carinho, porque ela aqui me dá carinho, ela aqui às vezes me dá e às vezes me da raiva. e assim vai vivendo"

MVI_1123 ANTÔNIA

(10:02 - 10:21)

MIRIAM - “Mas acho que é isso aí, a nossa missão na terra é exatamente sermos cidadãos de bem, né. E ajudar, e fazer o bem sem olhar a quem. Pra isso nós temos longa vida. As pessoas que tem o coração ruim, que são maus, elas têm vida curta porque a consciência pesa do dever não cumprido.”

(10:27 - 10:31)

“E as pessoas infelizes pouco vivem. As pessoas que praticam o bem elas são felizes e vivem muito”

MVI_0843 NOGUEIRA

(02:06 - 02:19)

“Eu fico feliz, eu sempre fui um homem que me conformei com as poucas coisas e vivo bem, graças a Deus”

OFF44 - ANGÉLICA: Desconstruindo qualquer preconceito que se possa ter sobre centenários, trata-se de uma nova etapa da existência, que tem a maturidade como conselheira e a virtude da experiência como amante. É sentir que o tempo está sendo aproveitado ou, se ainda não alcançou essa perspectiva, é saber que busca viver para isso.

EM MEMÓRIA**MVI_1389 (SÓ O ÁUDIO)**

(12:14 - 12:26) +

MARIA CONSOLAÇÃO - “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.

Nascimento: 12/01/1925

Morte: 27/05/2019